

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ

A CONTRIBUIÇÃO DE FILGUEIRAS LIMA PARA
A EDUCAÇÃO DO CEARÁ

ANTONIO FILGUEIRAS LIMA NETO

FORTALEZA – CE

2002

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
ESCOLAR

**A CONTRIBUIÇÃO DE FILGUEIRAS LIMA
PARA A EDUCAÇÃO DO CEARÁ**

ANTONIO FILGUEIRAS LIMA NETO

FORTALEZA - CEARÁ

2002

A CONTRIBUIÇÃO DE FILGUEIRAS LIMA PARA A EDUCAÇÃO DO CEARÁ

ANTONIO FILGUEIRAS LIMA NETO

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Especialização em Administração Escolar, da Universidade Estadual Vale do Acaraú, como requisito para obtenção do grau de especialista.

FORTALEZA - 2002

MONOGRAFIA APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
ESCOLAR DA UNIVERSIDADE VALE DO ACARAÚ, COMO
REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA

POR

ANTONIO FILGUEIRAS LIMA NETO

APROVADA EM ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA CONSTITUÍDA DOS SEGUINTE

PROFESSORES:

PROFESSORA ERCÍLIA MARIA BRAGA DE OLINDA – MS
ORIENTADORA

**“Ensino como quem reza: com a alma
genuflexa”**

(Filgueiras Lima)

AGRADECIMENTO

A minha estimada e competente orientadora, Professora Ercília Maria Braga de Olinda, a quem muito devo pelo trabalho aqui construído. Sem a sua excelente colaboração, certamente esta produção não teria se projetada com eficácia tanto na forma quanto no conteúdo.

Além dos conhecimentos passados, também lhe sou grato pelo ânimo, pelo incentivo, pela paciência e pela confiança na minha capacidade em realizar esta pesquisa como contribuição para o resgate de um importante momento da educação do Ceará.

RESUMO

A contribuição de Antonio Filgueiras Lima para a educação do Ceará. Destacam-se pontos importantes da vida e da obra deste educador cearense, apontando os cargos por ele exercidos no setor público educacional, os traços da sua personalidade, retratados também na sua obra poética. Demonstra-se qual a impressão que ele transmitia aos seus alunos, como eram as suas aulas e quais congressos educacionais participou, representando o Ceará. Relaciona-se o pensamento pedagógico de Filgueiras Lima com o movimento da Escola Nova. Estabelece-se as características e fundamentos da Escola Tradicional Burguesa, mostrando-se, principalmente, como funcionavam as relações entre professores e alunos. Contextualiza-se o surgimento do movimento escolanovista, ressaltando as suas principais características e idealizadores. Apresentam-se as principais concepções de educação surgidas no seio do movimento da Escola Nova. Destaca-se a participação de Ovide Decroly na construção de um sistema didático, conhecido por centro de interesses. Expõe-se a filosofia educacional do pedagogo norte-americano John Dewey e como funcionava o sistema de projetos, método elaborado a partir do princípio de escola ativa. Situa-se o pensamento pedagógico de Filgueiras Lima dentro do movimento escolanovista, salientando as influências de Decroly, Dewey e Lourenço Filho, mostrando como as idéias desses educadores poderiam ser colocadas em prática e adaptadas a realidade do Ceará. Identifica-se o período histórico vivido no Ceará nas décadas de 20 e 30, época em que Filgueiras Lima formulou o seu pensamento pedagógico. Demonstra-se as concepções de Filgueiras Lima sobre educação, democracia, ensino, aprendizagem e escola. Destaca-se a sua preocupação acerca da formação de professores. Relata-se a sua prática pedagógica à frente do Colégio Lourenço Filho. Estabelece-se o modelo de escola e de educação pregados por Filgueiras Lima.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	9
1.1 Justificativa	9
1.2 Objeto de estudo	12
1.3 Metodologia	12
1.4 Objetivos	14
II. VIDA E OBRA EDUCACIONAL DE FILGUEIRAS LIMA	15
III. O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DE FILGUEIRAS LIMA E O MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA	25
3.1 A Escola Tradicional	26
3.2. O surgimento da Escola Nova e suas características	27
3.3 Concepções de educação na Escola Nova	32
3.4 Decroly e os centros de interesse	33
3.5 A filosofia educacional de John Dewey e o sistema de projetos.....	35
3.6 Filgueiras Lima e o Escolanovismo	37
IV. A PRÁTICA PEDAGÓGICA E O DISCURSO EDUCACIONAL DE FILGUEIRAS LIMA	43
4.1 O Ceará nas Décadas de 20 e 30	44
4.2 Concepções sobre educação e democracia	48
4.3 Ensino, aprendizagem e escola	50
4.4 A formação de professores e o ensino normal	52
4.5 A prática pedagógica de Filgueiras Lima no Colégio Lourenço Filho	57
V. CONCLUSÕES	61
BIBLIOGRAFIA	64
APÊNDICE	65
ANEXO A (artigos do Jornal O Povo)	
ANEXO B (artigos da Revista Educação Nova)	

I INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa

Muitas são as razões que me levaram a estudar o pensamento e a obra educacional do Professor Antonio Filgueiras Lima. Primeiramente, não posso negar o caráter pessoal desta pesquisa, pois estou ligado por laços hereditários, uma vez que sou neto de Filgueiras Lima, de quem, inclusive, herdei o nome. Não cheguei a conhecê-lo, pois, quando nasci, ele já havia falecido há nove anos. Certamente, a curiosidade de conhecer mais sobre sua vida foi uma determinante para a realização deste trabalho.

Sempre ouvi histórias e comentários elogiosos a respeito de Filgueiras Lima e, principalmente, sobre a sua atuação como professor, educador, empreendedor, poeta e orador. Investigando seus arquivos pessoais, encontrei muitos textos manuscritos seus que despertaram em mim a vontade de procurar saber mais sobre sua vida, sua obra e seu trabalho. Esses textos retratam muito do seu pensamento pedagógico e da sua concepção de educação.

Outro motivo inegável para a realização desta monografia é o caráter profissional. Atualmente, exerço a vice-presidência da Fundação Educacional Filgueiras Lima - entidade mantenedora da Faculdade e Colégio Lourenço Filho. No exercício deste cargo, represento a direção pedagógica desta instituição de educação, especificamente a dos ensinos fundamental e médio. O Instituto Lourenço Filho foi fundado em 1938, por Filgueiras Lima e Paulo Sarasate, atuando na educação infantil e no ensino fundamental. Posteriormente, o referido instituto expandiu-se também no ensino médio e, há quatro anos, iniciou suas atividades no ensino superior com um curso de bacharelado em Ciências da Computação. Essa instituição

funciona há mais de sessenta anos no Estado, contribuindo para a formação de milhares de jovens cearenses. O Colégio Lourenço Filho vem, ao longo de sua história, projetando-se na vanguarda do cenário educacional cearense. Logo que iniciou as suas atividades, o educandário Lourenço Filho evidenciou uma proposta inovadora, baseada no pensamento escolanovista, que rompia com os paradigmas da educação tradicional a qual dominava o pensamento educacional na época.

Entre as referidas propostas, podemos destacar o método globalizador de alfabetização que era utilizado no Lourenço Filho. Enquanto as escolas do Ceará ensinavam as crianças a ler e escrever utilizando ainda o método de separação de sílabas, na escola do Professor Filgueiras Lima, as crianças alfabetizavam-se lendo palavras por inteiro. Castigos físicos, como a palmatória - que não era incomum naquela época - foram abolidos como método disciplinador, pois iam contra à filosofia da Escola Nova. O disciplinamento dos **alunos** foi substituído pela busca da auto disciplina, baseada na idéia de liberdade com responsabilidade. A proposta inovadora do Lourenço Filho, com uma educação centrada no aluno e não no professor, surgia como uma nova opção à sociedade da época.

Contudo, não foram apenas os aspectos pessoais e profissionais que me levaram a essa empreitada, pois como Filgueiras Lima teve uma vida dedicada à educação, e o resgate de seu pensamento pedagógico é de grande importância para as gerações futuras compreenderem um pouco a história da educação do Ceará.

Ainda bastante jovem, aos 18 anos de idade, Filgueiras Lima assumiu o cargo de Inspetor Regional do Ensino, quando pôde colaborar para manter viva a reforma do ensino, realizada em 1922, sob a coordenação do Professor Lourenço Filho. Como defensor das idéias escolanovistas, participou da criação da revista Escola Nova, de que foi redator-chefe, contribuindo para o enriquecimento do pensamento pedagógico no Estado. Em dezembro de 1933, conquistou, através de concurso em que obteve o primeiro lugar, a cadeira da Didática da Escola Normal, onde, como professor, contribuiu para a formação de uma geração de professoras do nosso Estado. Foi, ainda, professor das cadeiras Relações Humanas da Escola de Administração do Ceará e Didática Geral da Faculdade de Filosofia do Ceará. Foi, por quase vinte anos, membro do Conselho Estadual de Educação, onde chegou a ser nomeado presidente.

Vê-se, pois, que Filgueiras Lima ocupou os cargos mais importantes do setor educacional em nosso estado, deixando, comprovadamente, a marca de seu pensamento pedagógico em diversas instituições. Na Escola Normal, por exemplo, além de professor, Filgueiras Lima chegou a exercer a direção daquele estabelecimento de ensino por quase dois anos. Exercendo um cargo de direção dentro desta instituição de ensino, com certeza, muitas normalistas tiveram as suas concepções de educação, influenciadas pelas idéias do Professor Filgueiras Lima.

À frente do Conselho de Educação do Ceará e da Secretaria Estadual de Educação, Filgueiras Lima pôde consolidar a modernização do ensino no nosso Estado, há muito desejada por várias gerações de educadores, desde os fundadores da escola normal, em 1884. O esforço de renovação iniciado por José de Barcellos, Amaro Cavalcante e tantos outros educadores cearenses teve um grande impulso na década de 1920, com uma filosofia nova de educação, baseada nas idéias do movimento da Escola Nova e influenciada pelas novas descobertas da psicologia e pelas mudanças sociais que ocorriam no Brasil e no mundo. Com idas e vindas, esse ideário se manteve ativo e foi retomado com a ajuda de Filgueiras Lima, João Hippolyto e Moreira de Sousa nas reformas de 1935 e 1946.

Filgueiras Lima escreveu e publicou vários livros de poesia, além de resenhas e comentários literários, mas nunca elaborou um livro sobre educação ou pedagogia. Positivamente, isto ocorreu devido a sua morte pré-matura, pois, antes de seu falecimento, ele já vinha idealizando um livro sobre as suas vivências pedagógicas. Desta forma, este trabalho se constitui numa oportunidade valiosa de se resgatar o pensamento pedagógico de Filgueiras Lima, por que somente alguém com acesso a seus arquivos pessoais poderia realizar este trabalho. Assim, esta chance é uma forma de se consolidar o pensamento educacional de um homem que muito contribuiu para a educação em nosso Estado e que não teve tempo de, em vida, sistematizar as suas idéias e apresentá-las ao público, em geral, principalmente à comunidade acadêmica. Não tenho, é claro, a pretensão de substituí-lo nesta tarefa, contudo, espero contribuir para que o seu pensamento pedagógico e a sua experiência na área educacional não se percam ao longo do tempo.

1.2 Objeto de Estudo

O professor Filgueiras Lima é, atualmente, lembrado por seus contemporâneos, principalmente, pelo seu destaque na poesia, o que lhe logrou fama e uma cadeira na Academia Cearense de Letras. Contudo, existe também uma história de vida dedicada à educação, pois como ele mesmo se definiu certa vez: “nasci poeta, fiz-me educador”. É justamente o perfil do professor e educador que objetivamos resgatar neste trabalho. A vida e a obra de Filgueiras Lima fazem parte da história da educação do Estado do Ceará. Não iremos analisar a sua obra poética e literária. Aqui, cabe-nos estudar o educador, o professor e o empreendedor, pois, também, podemos considerá-lo um empresário, uma vez que fundou um colégio que funciona há mais de 60 (sessenta) anos na vanguarda do cenário educacional cearense.

Também é válido ressaltar que não pretendemos, aqui, realizar um trabalho meramente biográfico a respeito de Filgueiras Lima, apesar de sabermos que é importante se conhecer traços da vida da pessoa para interpretar melhor a sua obra. O período estudado da vida de Filgueiras Lima vai de seus 18 anos, quando assumiu o cargo de Inspetor do Ensino, até a sua morte em 1965. Desse modo, o objeto de estudo desta pesquisa não é a vida deste educador em si, mas a sua contribuição para a educação do Ceará; notadamente, a educação básica, pois, apesar de ter, também, atuado no ensino superior como professor, foi no ensino fundamental e médio que ele deixou sua marca de forma mais veemente. Essa contribuição ocorreu através do seu pensamento pedagógico que influenciou vários profissionais da educação, através de suas ações como professor, diretor de escola e educador.

1.3 Metodologia

Analisar a contribuição de Filgueiras Lima não foi tarefa fácil, pois, como já foi exposto, ele não escreveu uma obra completa sobre educação. Porém, existem artigos e discursos escritos por ele sobre o tema, os quais estão espalhados em vários jornais e revistas especializadas; não há, portanto, uma obra sistematizada. Assim sendo, tivemos de recorrer aos seus arquivos pessoais, onde achamos vários textos manuscritos por ele que retratam muito do seu pensamento pedagógico e de sua concepção de educação. Alguns apontamentos,

como as suas notas de aula da disciplina Didática mostram muito do seu trabalho e de sua postura acerca de determinados temas educacionais.

Na revista Educação Nova, da qual Filgueiras Lima foi redator-chefe, encontramos vários artigos escritos por ele, nos quais se pode constatar a sua linha de pensamento pedagógico e quais educadores mais o influenciaram.

Filgueiras Lima foi um ativista do movimento da Escola Nova no Ceará, por isso, para se compreender o seu pensamento educacional é necessário entender um pouco o pensamento escolanovista. Desta forma, tivemos de recorrer aos estudiosos desse movimento como Foulquié, Decroly, Dewey e Lourenço Filho. Este último foi o responsável pela reforma do ensino no Ceará nos anos de 1922 e 1923 e exerceu forte influência sobre Filgueiras Lima, de quem se tornou amigo e foi homenageado com o nome da escola fundada pelo poeta. Em livros clássicos, como a Introdução ao Estudo da Escola Nova, Lourenço Filho expõe quais foram as principais características desse movimento pedagógico, quais os seus princípios e quais ramos da ciências contribuíram para a sua formação, além de contar um pouco da história do movimento, com relatos de experiências e análise dos métodos adotados em escolas na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. Esta pesquisa, também relata um pouco o pensamento de muitos educadores que fizeram parte do referido movimento ou que contribuíram para a sua formação.

Outra fonte de pesquisa que tive de recorrer foram os relatos de pessoas que conviveram com Filgueiras Lima na sua intimidade ou na sua vida profissional. É certo que esses relatos sempre possuem traços de subjetividade, mas, nem por isso, pode-se descartá-los como dados imprecisos. Assim, tive a oportunidade de conversar com Antonio Filgueiras Lima Filho, que, atualmente, está à frente da Faculdade e Colégio Lourenço Filho, sobre como era o homem e o poeta, que foi objeto de estudo do primeiro capítulo desta pesquisa. Entrevistei o Professor Vicente de Paula Soares, titular da disciplina de Língua Portuguesa da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Lourenço Filho, decano do corpo docente daquela instituição, sobre o diretor de escola, uma vez que ele começou a lecionar nesta instituição em 1954. Para conhecer a prática pedagógica de Filgueiras Lima, recorri a entrevistas realizadas pela Professora Ercília Braga com 11 (onze) ex-alunas da Escola Normal, que relataram como

eram as aulas do educador e qual a filosofia educacional apresentada por ele¹. Foram entrevistados, também, o Professor Francisco de Paula Aguiar, atual diretor do Colégio Lourenço Filho, que iniciou suas atividades na instituição em 1963, quando foi contratado pelo poeta para ensinar Ciências, e a Professora Olga Nunes da Costa, ex-aluna de Filgueiras Lima no curso normal do Colégio Lourenço Filho e na Faculdade Católica de Filosofia e ex-orientadora educacional daquela instituição educacional

Podemos dizer, sem receio de equívoco, que Filgueiras Lima foi um dos intelectuais que mais trabalharam e contribuíram para a modernização da educação e do ensino público e particular no Ceará. Desta forma, a análise do pensamento de um principais educadores cearense é de grande importância para a história da educação.

1.4 Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o pensamento e a prática pedagógica de Filgueiras Lima, avaliando sua contribuição para a educação no Estado do Ceará. Ressalte-se que num lugar pobre e atrasado como o nosso Estado, poucos foram as pessoas que contribuíram para a melhoria da educação.

São objetivos específicos deste trabalho:

- a) resgatar aspectos significativos da vida de Filgueiras Lima, destacando sua participação na vida educacional e intelectual do Ceará;
- b) situar o pensamento de Filgueiras Lima dentro do movimento escolanovista, investigando que pensadores o influenciaram;
- c) analisar a prática pedagógica e o discurso educacional de Filgueiras Lima, expressando suas concepções sobre escola, ensino, educação e aprendizagem.

¹ As ex-alunas entrevistadas foram: Afonsina Rocha Lima, Maria Berenice Braide Nogueira, Suzana Ribeiro Dias, Susana Bonfim Borges, Maria do Carmo Mota (D. Mimoso), Albanisa Maria das Chagas, Irene Arruda, Dagmar Moreira Leitão, Zuleide Silveira de Pontes Medeiros, Noemi Costa Soriano Aderaldo.

II VIDA E OBRA EDUCACIONAL DE FILGUEIRAS LIMA

Como já foi mencionado anteriormente, para se compreender bem o pensamento pedagógico e a obra de um educador é importante conhecer, também, um pouco de sua vida e de sua personalidade. Isso não quer dizer que a obra seja resultado direto da vida de quem a escreve, contudo, há acontecimentos na vida do autor que, às vezes, refletem no seu trabalho. Atento a isso, dediquei um capítulo desta pesquisa a conhecer verticalmente a vida de Filgueiras Lima.

Antonio Filgueiras Lima nasceu em 21 de maio de 1909 no município cearense de Lavras da Mangabeira, filho de Silvino Filgueiras Lima e Cecília Tavares Filgueiras. Seu pai era comerciante naquela cidade, mas, posteriormente, mudou-se com a família para a cidade de Iguatu. Filgueiras Lima era o mais velho de uma família de oito filhos, que mais tarde, foi reduzida a três, devido a uma epidemia de gripe espanhola.

Ainda criança, foi alfabetizado em Lavras da Mangabeira pela Professora Amélia Braga, de quem segundo pessoas que o conheceram na intimidade, ele sempre falava muito bem. Continuou seus estudos na cidade do Crato, onde estudou no colégio anexo ao Seminário Diocesano. Nesta época, um fato o marcou: numa tarde de chuva, quando jogava bola com seus colegas, foi atingido por um raio.

Algum tempo depois, veio para Fortaleza onde estudou no Colégio Cearense dos Irmãos Maristas. Desde jovem, demonstrou interesse pela literatura e pela escrita, tanto que, ainda no Colégio Cearense, fundou o jornalzinho “Os Novos” e o Grêmio Literário Farias Brito. Nessa mesma época, como colaborador, escreveu para a revista “Verdes Mares”, editada por aquele

estabelecimento de ensino. Tais fatos demonstram que Filgueiras Lima era, desde jovem, bastante dinâmico culturalmente. Vale ressaltar que ele se viu obrigado a interromper seus estudos, pelo menos uma vez, em virtude de dificuldades financeiras enfrentadas por seu pai. Contudo, esses obstáculos não o fizeram desistir de levar à frente o seu desejo de continuar estudando. Tanto assim o foi que conseguiu concluir o ensino de segundo grau e ingressou na Faculdade de Direito do Estado do Ceará, onde se tornou bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 1933.

Apesar ter se formado em Direito, Filgueiras Lima nunca atuou nesta área. Sua vida e obra foram todas dedicadas à educação e à literatura, notadamente, à poesia. Na sua biblioteca, teve a oportunidade de encontrar muitos livros de Pedagogia, Psicologia, Sociologia, Educação, História, Filosofia, além de romances, livros de poesia, literatura, enciclopédias e dicionários, mas nenhum livro de Direito.

Foi na Faculdade de Direito que Filgueiras Lima veio a ter contato com algumas das pessoas que, posteriormente, dominariam o cenário político do Estado, entre elas o futuro governador Parsival Barroso e o futuro deputado estadual Perilo Teixeira, que depois viria a ser seu concunhado. No término do seu curso de Direito, Filgueiras Lima concorreu à função de orador da turma de concludentes de 1933, tendo perdido para Parsival Barroso, de quem se tornaria amigo. Filgueiras Lima nunca exerceu diretamente atividade político-partidária, mas sempre teve trânsito livre entre os políticos da sua época de todos os segmentos político-ideológicos, dos quais podemos destacar, além dos já citados, Faustino de Albuquerque, Virgílio Távora e Paulo Sarasate, este último, conforme já mencionado na Introdução, o ajudou a fundar o Instituto Lourenço Filho.

Como brilhante jovem educador, Filgueiras Lima, aos 18 anos, assumiu as funções de Inspetor Regional do Ensino, cargo em que se efetivou, por concurso, em 1931, ingressando, assim, na antiga Diretoria Geral da Instrução Pública, órgão que superintendia todos os negócios relacionados à educação no Estado do Ceará. Ali, Filgueiras Lima fez carreira. Em 1931 e 1932, ocupou interinamente o cargo de Diretor Geral da Instrução. Foi também chefe do Serviço de Estatística Educacional daquela Diretoria, cargo para o qual foi nomeado em fevereiro de 1932. Fundou juntamente com outros educadores a Revista Educação Nova, que, posteriormente, tornou-se um órgão da Diretoria Geral de Instrução, chegando a ser Redator-Chefe deste periódico. Em 1934, foi nomeado Inspetor do Ensino Normal.

Como educador, Filgueiras Lima sempre demonstrou muito interesse pelo ensino normal. Além de ter sido Inspetor deste segmento educacional, ele foi professor da Escola Normal da cadeira de Didática, de acordo com o que, anteriormente, já referido, cargo que conquistou por concurso público, no qual foi classificado em primeiro lugar, em dezembro de 1933. Anos mais tarde, em 1951, Filgueiras Lima chegou a diretor do Instituto de Educação, órgão que englobava a Escola Normal e a sua escola de aplicação.

Em 1961, foi escolhido para representar o Ceará no primeiro Seminário de Ensino Normal, do qual foi presidente, realizado no antigo Estado da Guanabara. Neste seminário, foram discutidas novas diretrizes para o ensino normal diante do novo projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação que tramitava no Congresso Nacional. O encontro contou com a presença de representantes de outros estados como também do diretor do Instituto Brasileiro de Pesquisas Educacionais – INEP, Darci Ribeiro, que fez um comentário sobre o ensino normal no projeto de LDB. Ao fim do congresso, Filgueiras Lima foi eleito, por unanimidade, para a primeira vice-presidência do Centro Brasileiro de Ensino Normal.

Em 1938, juntamente com o Dr. Paulo Sarasate fundou o Instituto Lourenço Filho, hoje Faculdade e Colégio Lourenço Filho. Neste estabelecimento de ensino, ele teve a oportunidade de levar a frente o seu projeto pessoal de educação. Logo instituiu um curso normal, o qual formou a primeira turma em 1944. Este fato demonstra que a preocupação com a formação dos educadores da infância sempre foi uma prioridade no projeto educacional de Filgueiras Lima.

Como intelectual de destaque no Estado, Filgueiras Lima exerceu alguns cargos de caráter político, como o de Secretário de Educação e Saúde do Estado e Presidente do Conselho Estadual de Educação, postos máximos na hierarquia administrativa do ensino. À frente da Secretaria de Educação e Saúde, para qual foi nomeado pelo Interventor Federal Ministro Pedro Firmeza, em fevereiro de 1946, cargo em que permaneceu nas Interventorias do Coronel Machado Lopes e do Desembargador Feliciano de Atayde, Filgueiras Lima fundou 350 escolas, instalou gabinetes dentários para grupos escolares do interior, Delegacias Regionais do Ensino, reformou o ensino normal e primário, criou a Diretoria de Fiscalização e Orientação de Ensino e promoveu várias campanhas educativas. A sua gestão na Secretaria de

Educação e Saúde do Estado sempre lhe foi motivo de orgulho². É relevante se frisar que muito ele fez em bem pouco tempo, ainda mais se tratando de um período de transição. Os referidos interventores governaram o Estado do Ceará logo após o fim do Estado do Novo até o governo de Faustino de Albuquerque (1947-1950), primeiro governador eleito no período de redemocratização do país. No comando da Secretaria de Educação, Filgueiras Lima pôde deixar a sua marca no ensino público cearense, impingindo-lhe, ainda mais, a filosofia escolanovista. Um episódio, relatado pelo Professor Vicente Soares, bem demonstra a intensidade das ações de Filgueiras Lima:

A propósito de abolir os símbolos autoritários, conta-se que Filgueiras, como secretário de Educação do Estado do Ceará estando em viagem de inspeção aos estabelecimentos escolares de várias cidades do interior, reuniu as Senhoras Diretoras e numa solenidade pública reuniu todas as palmatórias e fê-las queimar à vista de quantos estivessem presentes. Estava dado o exemplo de que educação é ato de renúncia, de amor e por isto um sacerdócio.

Filgueiras Lima era, antes de qualquer conceito, um professor; o pedagogo e o educador sempre se destacaram na sua biografia, mas aqueles que foram seus alunos lembram-se vividamente de suas aulas. Iniciou sua carreira de professor ministrando aulas de Língua Portuguesa e Literatura, disciplina pela qual sempre foi um apaixonado. Na falta de um professor ao Colégio Lourenço Filho ou quando lhe era possível, Filgueiras Lima entrava em sala e trabalhava uma aula de Literatura, principalmente, discorrendo sobre uma determinada obra literária³. Mas foi no ensino superior que Filgueiras Lima se destacou como docente. Além de professor de Didática Geral na Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, que funcionava no Colégio Cearense, foi também professor da cadeira de Relações Humanas da Escola de Administração, atual Curso de Administração da Universidade Estadual do Ceará, além de professor da Escola Normal, como já citado.

É relevante se frisar que, através das entrevistas realizadas pela Professora Ercília Braga com ex-alunas da Escola Normal, pôde-se conhecer um pouco da personalidade e do pensamento pedagógico do poeta-educador. Essas entrevistas foram realizadas entre novembro de 1999 e maio de 2000. Todas as 11 ex-alunas da Escola Normal apontaram, espontaneamente, o nome de Filgueiras Lima como um professor de destaque entre outros expoentes daquela instituição de ensino. Os sujeitos entrevistados interagiram com Filgueiras Lima entre os anos de 1935 e 1937 nas aulas de Didática e no estágio curricular realizado na

² Depoimento de Antonio Filgueiras Lima Filho

³ Depoimento de Antonio Filgueiras Lima Filho

Escola de Aplicação, anexa à Escola Normal. Algumas, por terem se destacado no curso normal demonstrando competência e compromisso profissionais, foram convidadas a ensinar no Colégio Lourenço Filho onde continuaram sendo acompanhadas por seu antigo professor.

A respeito da personalidade do Professor Filgueiras Lima e de suas aulas, assim se manifestaram algumas das ex-alunas entrevistadas:

Ele era baixo, muito delicado. Era um professor, atencioso demais com todo mundo, era uma graça o professor Filgueiras Lima. Aí, eu fui conversar com ele e disse que não tinha condições. Ele perguntou: E o que você está fazendo aqui? Então lhe respondi: Eu vim porque tinha que ficar instruída, eu tinha que estudar em algum colégio, porque não ia ficar em casa ignorante, mas então eu vim pra cá e estou fazendo o curso para aprender, mas não vou ensinar, não quero. De forma que, quando ele botou o colégio, foi no ano que eu terminei. Ele botou um colégio, esse colégio Filgueiras Lima (sic). Ele me convidou : “Você não quer ser professora no meu colégio?” Ele me escolheu, ele ia começar, aí eu disse: Não, Dr. Filgueiras eu não tenho jeito ⁴.

Tive um grande amigo, Dr. Filgueiras ... ele era dono do colégio e professor também ... uma maravilha, ave Maria, ele dizia, olha, eu gosto tanto de ler suas provas (risos), porque são ... diz tudo em poucas palavras (risos). Ele dizia isto para mim .. As aulas dele eram de Pedagogia, eram muito boas, boas mesmo, maravilhosas. Você saía já sabendo de tudo ... Ele explicava tudo direitinho, era um ótimo professor ... A parte prática era com as crianças do (Colégio) Lourenço Filho mesmo ⁵.

Ele era um poeta né? Era ótimo. Ele era muito bom, muito educado. Eu achava o Dr. Hippolyto era deseducado. O professor Filgueiras Lima era mais aberto, mas delicado. Fazia perguntas, porque a aula deve ser isso... pergunta e responde. Por que muitas vezes você tá escutando, mas não entende. Para entender não tem como, senão perguntando⁶.

Filgueiras Lima era neutro, Filgueiras Lima não era homem para tomar partido de A, de B ou de C. Ele cuidava muito de ... até ontem eu estava me lembrando dele. Ai, meu Deus, eu me lembro de Filgueiras Lima, quando ele entrava na classe, entrava sempre levando um jarro de flores e me lembro de cor da poesia dele, não sei se você conhece, conhece? Eu sei muitas de cor, daquelas que eu gostava. Ele dizia: “Não sei como foi, eu sei que havia muitas rosas no caminho. Tu me pediste um pouco de amizade e eu te pedi um pouco de carinho e um lindo poema em êxtase baixinho, eu te disse no jardim naquele dia, desde então, nunca mais andei sozinho, mesmo em sonho teu vulto me seguia. O nosso amor nasceu com a primavera (primavera no Ceará!) viam-se rosas enfeitando a estrada e pássaro no bosque a tua espera. Hoje nossa história é resumida: tu és em minha vida amargurada, e eu sou alguma coisa na tua vida”. Ele fez esse poema para a esposa, que morreu há pouco tempo... Ele dizia onde estavam os poemas, os livros dele e, às vezes, ele recitava. Ele era mais um poeta mesmo do que ... agora, dava muito valor ao ensino, mas ele queria que a gente fizesse dos alunos, a gente cultivasse no aluno, não o amor àquela matéria que ele estava dando, mas o amor a ensinar, para melhorar as pessoas, para as pessoas crescerem, terem outra visão. Falava muito na Índia, falava na Europa, falava na América, não falava bem da Itália ⁷...

⁴ Depoimento de Afonsina Rocha Lima

⁵ Depoimento de Albanisa Maria das Chagas

⁶ Depoimento de Zuleide Silveira de Pontes Medeiros

⁷ Depoimento de Noemi Costa Soriano Aderaldo.

Vários foram os congressos de que Filgueiras Lima participou, representando o Ceará, tanto na educação quanto na literatura. Como era um excelente orador, muitos dos seus discursos e palestras foram publicados em jornais, revistas e alguns, até mesmo, viraram livros, como a obra “ A Literatura Cearense na Formação do Sentimento Nacional”, tal publicação foi fruto da palestra por ele proferida no auditório do jornal “A Gazeta”, de São Paulo, que, mais tarde, foi editada pela imprensa universitária sob o título “Alencar e a Terra de Iracema” , por ocasião do centenário do romance Iracema, de José de Alencar. Dentre os congressos que participou, destacam-se os seguintes:

- a) Primeiro Congresso Nacional de Educação de Adultos, em fevereiro de 1947, em cuja sessão de inauguração pronunciou, como orador oficial, o discurso “A Educação de Adultos na Democracia”;
- b) Segundo Congresso da Federação dos Estabelecimentos Particulares de Ensino, realizado em Belo Horizonte, em julho de 1946, onde representou as escolas privadas cearenses e teve a oportunidade de defender o tema “ Educação para a Liberdade e para a Paz”;
- c) Congresso de Educadores, realizado em Salvador, capital do Estado da Bahia, onde representou o Ceará, em 1949, apresentando uma tese intitulada “Metodologia das Ciências Sociais”, impressa pela Editora do Instituto do Ceará;
- d) Congressos e reuniões pedagógicas realizadas em Recife e São Paulo, nos anos de 1954 e 1956 respectivamente, pela Diretoria do Ensino Comercial, onde apresentou um trabalho sobre “Ensino Comercial Como Modalidade de Educação Geral” no primeiro encontro e “Ensino Moderno das Ciências Sociais” no segundo.

Não se pode falar de Filgueiras Lima, sem se mencionar poesia e literatura. Segundo João Clímaco Bezerra, Filgueiras Lima, na sua época, era o único sócio do Rotary Club no Brasil, inscrito sob a classificação Literatura-Poesia.⁸ Em se tratando de um clube formado por profissionais, Filgueiras Lima poderia ter optado por ingressar no Rotary sob a classificação de pedagogia, educação, direito ou ensino particular, entretanto ele optou pela literatura. Vê-se, portanto, como a poesia era forte na sua vida e o caráter de poeta nunca se afastou de sua personalidade.

⁸ Cf. Traços Biográficos de Filgueiras Lima. In LIMA, A F. **Antologia Poética**. Fortaleza: Equatorial, 2. ed., 1997, p.146.

O primeiro livro de poemas de Filgueiras Lima foi Festa de Ritmos, publicado em dezembro de 1932, o qual recebeu a Menção Honrosa de Poesia da Academia Brasileira de Letras e o projetou no cenário literário nacional. Nesta ocasião, o parecer elaborado pela Comissão da Academia destacou o seguinte comentário acerca da obra: “sonetos de real inspiração e correta forma e muitas outras bonitas produções que revelam um poeta ainda capaz de progredir bastante e brilhar no meios literários”⁹. Realmente, estavam certos os senhores pareceristas da ABL, pois Filgueiras Lima progrediu ainda mais e continuou a sua obra poética com “Ritmo Essencial”, publicado em 1944, no auge da Segunda Guerra Mundial. Nesta obra, o poeta mostra toda a sua angústia com o conflito armado que acontecia em todo o mundo. Esse sentimento fica claro em poemas como “Polônia”, “França”, “Poema do Vento” e “Natal de Sangue”, como revela o seguinte trecho presente nesse último:

*Natal! Que noite trágica!
Natal das crianças órfãs de Stalingrado,
Natal das mulheres sem marido de Lídice.
Natal das virgens sem amor de Singapura,
Natal dos homens sem liberdade
dos campos de concentração.
Natal das igrejas sem Deus,
das sinagogas sem mestres, das multidões sem alma,
dos povos sem destino,
das multidões sem destino,
da vida sem sentido e da morte sem causa!*

*Natal de sangue!
De sangue que aterra:
sangue nos ares,
sangue nos mares,
sangue na terra!*

*Natal! Que fizeste do menino
Que trazia Amor nos lábios
a Paz nos gestos
e, na palavra,
o Caminho, a Verdade e a Vida?
Natal! Por que a Estrela se apagou no céu?
Por que a voz do sino se extinguiu no espaço?
Por que os Magos se extraviaram do deserto?
Por que não vemos mais a manjedoura de Belém?*

Ah! Os homens perderam o endereço de Deus!

*Ah! Os homens estão caminhando
para o abismo do sem fim...
Natal! Natal!*

Dezembro de 1943

⁹ Bezerra, João Clímaco. In LIMA, A F. **Antologia Poética**. Fortaleza: Equatorial, 2. ed., 1997, p.145.

Os versos acima revelam como a guerra marcou o poeta, pois, sendo ele um homem muito religioso, um cristão, acima de tudo, não podia aceitar aquela guerra que envolvia todo o mundo, e, na noite de Natal de 1943, época em que deveria ser dedicada a celebração da paz e do nascimento do menino Jesus, os homens matavam uns aos outros. Para ele, os homens haviam se afastado de Deus e caminhavam para uma abismo sem fim.

A poesia de Filgueiras Lima também demonstra muito do seu patriotismo, como nos poemas “Brasil dos Meus Avós” e “Poema do Meu Brasil”; tais escritos revelam que ele era um amante do Brasil e um apaixonado pela sua terra, o Ceará. No seu terceiro livro “Terra da Luz”, de 1956, publicado pela Editora Freitas Bastos, ele faz uma ode a sua terra e a sua gente, o que fica claro nos poemas “Ceará”, “Fortaleza”, “Banda de Música”, “Lagoa de Iguatu”, “Ode aos Jangadeiros Cearenses”, “Titã”, “Chove no Ceará” e “Língua Nacional”. O amor pelo Ceará sempre foi uma marca na sua vida, expressa nos seus discursos, palestras e versos, contudo, ele nunca foi um ufanista, pois soube reconhecer os erros existentes no nosso país.

No seu último livro, “O Mágico e o Tempo”, de 1965, Filgueiras Lima produz uma poesia mais madura, com poemas que retratam o seu momento e fazem uma avaliação da sua vida e chegam, até mesmo, a fazer um prenúncio, ainda que inconsciente, de sua morte prematura, como se vê nos poemas “Balada do Cinquentão” e “Testamento”.

O estilo literário de Filgueiras Lima era preponderantemente modernista, mas ele também transitou entre o parnasianismo e o simbolismo. A sua poesia é cheia de ritmo e sonoridade, tanto que algumas foram musicadas e gravadas por artistas da terra, como “Fortaleza”, gravada por Diassis Martins e “Banda de Música”, gravada por Calé Alencar.

Filgueiras Lima foi sócio fundador da antiga Academia de Letras do Ceará, entidade fundada em 1930 que, posteriormente, foi extinta e unificada à Academia Cearense de Letras. Em agosto de 1951, Antônio Martins Filho, Raimundo Girão, Fran Martins, Abelardo Montenegro, Joaquim Alves, Braga Montenegro e Filgueiras Lima ingressaram na Academia Cearense de Letras e o poeta foi escolhido para falar em nome de todos. Na sua fala de posse, Filgueiras Lima defendeu com brilhantismo a tese de que as academias tinham uma função a exercer na sociedade. Posteriormente, este discurso foi editado sob o título “Função Social e Política das Academias”. A respeito das academias, Filgueiras Lima rejeitava por completo a

idéia de que elas deveriam restringir-se a meros recintos de declamação de versos e lisonja mútua, como podemos averiguar no trecho a seguir:

Academia que não é foco de cultura, que não acende ideais de elevação mental na alma de um povo ou de uma nação, que não aprimora e opulenta os recursos da língua nacional, assegurando-lhe o resguardo e patrocínio das formas e modos expressionais de maior beleza e pureza idiomática – é a academia que não tem consciência de si mesma, do seu papel, da sua função, da sua autoridade, do seu ministério, da sua força. Se não exerce influência na difusão das letras e na formação da sensibilidade estética do povo em geral, deixa de representar um órgão de vital importância no desenvolvimento histórico e cultural do país. Academias como grêmios literários, para o só e monótono declamar de versos e discursos, vazios de conteúdo humano e social, desligados da realidade viva da época e do meio, nada constroem, nada significam, nada deixam; são anacronismos incompatíveis com as necessidades e problemas culturais do nosso tempo¹⁰.

Na Academia Cearense de Letras, Filgueiras Lima ocupou a cadeira de número 21, sucedendo, assim, o também poeta Antônio Sales e tendo como patrono José de Alencar, cuja obra foi por ele bastante estudada.

Filgueiras Lima casou-se em 1935 com Amazônia de Souza Braga, desta união nasceram três filhos: Rui, Antonio e José. Ele sempre foi um pai muito presente e acompanhava de perto, juntamente com sua mulher, a educação e a formação de seus filhos, principalmente, no que diz respeito à vida escolar. Seu filho Antonio recorda que era mais fácil olhar diretamente no dicionário o significado de uma palavra desconhecida do que perguntar a ele, pois, desta forma, teria de verificar em, pelo menos, uma meia dúzia de dicionários¹¹.

A formação religiosa também era muito importante para Filgueiras Lima, por isso ele sempre procurou transmitir os ensinamentos da fé católica para seus filhos. Também no Colégio Lourenço Filho, Filgueiras Lima patrocinava a transmissão de uma doutrina católica aos seus alunos, maior prova disso é que ele fazia questão que a Páscoa da escola, ocasião em que os alunos realizavam a primeira eucaristia, fosse comemorada no dia do seu aniversário, 21 de maio.

Na direção da escola, Filgueiras Lima era visto como um homem muito discreto e reservado, que pouco falava da sua vida pessoal para os funcionários e professores. Ele mantinha um ótimo relacionamento com os alunos e professores do Colégio Lourenço Filho.

¹⁰ LIMA, A.F. In GIRÃO, Raimundo. **Falas Acadêmicas**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976, p. 108-109.

¹¹ Depoimento de Antonio Filgueiras Lima Filho

Com aqueles, ele sempre conversava, procurando orientá-los e, principalmente, conscientizá-los do papel do estudo nas suas formações, entretanto, ele sempre mantinha uma certa distância, atitude própria da época¹². Filgueiras Lima sempre respeitava a individualidade do aluno e, sob essa orientação, o Colégio Lourenço Filho foi criado. Atos de indisciplina por parte dos alunos, ele não admitia, assim como, não aceitava o descumprimento do dever por parte dos professores.

O jornalista Hilton Oliveira, cujo o pai foi professor no Colégio Lourenço Filho, descreveu Filgueiras Lima como “homem de letras e mestre que devotava a sua vida à transmissão de sábios ensinamentos à juventude, para qual se voltava com entusiasmo, e que constituía o objetivo precípua da longa caminhada a que se propunha percorrer”¹³. Conta, ainda, que Filgueiras Lima sempre lhe serviu de exemplo como homem, poeta, educador, orador e professor e diz nunca ter esquecido um de seus maiores conselhos: “Menino, nunca se afaste dos livros, pois eles são autênticos mestres-mudos; fonte de sábios e sadios ensinamentos”.

Dona Amazônia, certa vez, descreveu seu marido como um homem bom, de temperamento calmo e extremamente amoroso¹⁴. Ela foi a companheira de todas as horas e participou de todas as realizações do marido. Era ela quem datilografava todos os seus trabalhos literários e aprovava-os ou não.

Filgueiras Lima faleceu na madrugada do dia 28 de setembro de 1965, aos 56 anos. Sua morte pegou de surpresa amigos, familiares e admiradores, pois, na noite anterior, havia presidido uma reunião literária na Casa de Juvenal Galeno e, até então, não demonstrava nenhum problema de saúde. Ao morrer, Filgueiras Lima presidia o Conselho Estadual de Educação, por isso sua morte foi amplamente divulgada pela imprensa local.

¹² Depoimento do Professor Francisco de Paula Aguiar

¹³ OLIVEIRA, Hilton. O Poeta que Ganhou o Céu. **O Unitário**, Fortaleza, 21 maio 1968, p.

¹⁴ ARAÚJO, Sílvia. Nomes dos que Fizeram a História do Ceará – Filgueiras Lima. **Tribuna do Ceará**, Fortaleza, 19 out. 1997, Entre Aspas, Caderno C, p. 23.

III O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DE FILGUEIRAS LIMA E O MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA

Não se pode falar no pensamento pedagógico e na obra educacional de Filgueiras Lima sem tratar do movimento escolanovista. Por este motivo, há nesta pesquisa um espaço para situar o pensamento pedagógico de Filgueiras Lima dentro do movimento da Escola Nova. Para tanto, faz-se necessário explicar o que foi este movimento educacional, quais seus princípios, suas características e seus objetivos. Por conseguinte, também é importante mostrar quais pensadores do movimento mais influenciaram Filgueiras Lima.

O modelo de escola que conhecemos, atualmente, com o processo de ensino-aprendizagem centrado no educando, é relativamente novo. Até a primeira metade do século XX, o modelo de escola que existia no Brasil era o da Escola Tradicional, em que prevalecia uma educação baseada na pessoa do mestre. Porém, desde o final do século XIX, intelectuais cearenses já vinham fazendo a crítica do intelectualismo do nosso ensino e defendendo um novo modelo de escola, baseado nas idéias do chamado movimento da Escola Nova, que tinha muitos defensores na Europa, na América do Norte e no próprio Brasil.

Dentre os defensores do movimento nos EUA e na Europa, podemos citar, entre vários, Claparède, Kilpatrick, Maria Montessori, Decroly e John Dewey; os dois últimos influenciaram mais fortemente o pensamento pedagógico de Filgueiras Lima, como podemos constatar através de seus artigos e manuscritos educacionais. Por isso, é importante falar um pouco sobre esses educadores e os sistemas de ensino por eles criados. Entre os educadores brasileiros, sem dúvida alguma, o que mais o influenciou foi Manuel Bergström Lourenço Filho, pedagogo paulista, de quem Filgueiras Lima era amigo. Lourenço Filho foi o

responsável técnico pela reforma do ensino realizada no Estado do Ceará nos anos de 1922 e 1923, durante o governo de Justiniano de Serpa. Segundo o Professor Raimundo Frota de Sá Nogueira, o próprio Lourenço Filho foi extremamente influenciado pelas idéias pedagógicas de John Dewey¹⁵.

3.1 A Escola Tradicional

O modelo de escola que prevaleceu até o início do século XX foi chamado de Escola Tradicional Burguesa. A principal característica desse modelo educacional era que o processo de ensino-aprendizagem se centrava na pessoa do professor. O mestre era o centro de todo o processo, por isso, a Escola Tradicional era chamada de magistrocêntrica. Havia uma hipertrofia da iniciativa do professor, enquanto o aluno exercia um papel predominantemente passivo.

Os programas ensinados na Escola Tradicional eram rígidos e existia uma preocupação demasiada com o que os alunos iriam aprender, conseqüentemente, não dando conta do processo de aprendizagem em si, ou seja, preocupava-se com a assimilação dos conteúdos, mesmo que esta ocorresse de forma meramente decorativa, e não em exercitar a inteligência e o raciocínio do aluno durante o processo de aprendizagem.

Como parte de uma proposta basicamente conteudista, as aulas na Escola Tradicional eram geralmente expositivas e as atividades de sala de aula baseavam-se principalmente em cópias e exercícios de memorização. O aluno estudava para saber cada vez mais, pouco importava se o que ele aprendia iria ter alguma aplicação prática ou se fazia parte da sua realidade. Desta forma, as avaliações tendiam a resgatar apenas conteúdos e informações memorizadas.

Os alunos eram tratados como um bloco único e homogêneo, isto é, não havia preocupação com o desenvolvimento dos potenciais individuais de cada aluno, pois o que importava era o que mestre ensinava e não o que os alunos aprendiam. Como o processo era artificial, estabeleceu-se um sistema de prêmios e punições. O aluno via-se obrigado a estudar, não pelo interesse em adquirir aquele conhecimento, mas pelo medo da punição.

¹⁵ NOGUEIRA, Raimundo de Sá Frota. **A Prática Pedagógica de Lourenço Filho no Estado do Ceará**. Fortaleza: UFC, 2001.

Esse mesmo sistema de prêmios e punições também era aplicado para manter a disciplina dentro da escola. A disciplina rígida era um forte traço da Escola Tradicional, em que a submissão e a obediência eram características fundamentais do “bom” aluno. A palmatória e outros tipos de castigos físicos faziam parte dos recursos disciplinares utilizados pelos professores e educadores tradicionalistas.

Segundo o Professor Raimundo Frota de Sá Nogueira, a Escola Tradicional foi uma criação da burguesia que objetivava levar o conhecimento a todas as camadas da população, pois até a sua ascensão ao poder, o conhecimento era privilégio dos nobres e dos clérigos:

A Escola Tradicional se constituiu a expressão dos chamados “sistemas nacionais de ensino”, estabelecidos no início do século passado sob o princípio de que “a educação é direito de todos e dever do Estado”. Este princípio, advogado sob o pretexto da instauração de uma sociedade democrática, fora lançado e defendido pela classe emergente, que se afirmava no poder: a burguesia. A defesa da sociedade democrática tinha como objetivo instaurar e manter a democracia burguesa. Para mantê-la, fundada no contrato social estabelecido “livremente” entre os indivíduos, se fazia mister eliminar o impedimento da ignorância. Acenava a burguesia com esta mensagem: “a mudança de súditos em cidadãos, indivíduos livres e esclarecidos”. Esta transformação seria realizada através do ensino, que erradicaria a marginalidade resultante da ignorância e combateria a miséria, que passou a ser explicada como ausência de profissionalização decorrente da falta de escolarização. Nesta perspectiva, a escola passa a ser tomada como instrumento saneador da marginalidade, da miséria e do analfabetismo, e o professor seria o grande executor desta transformação. A Escola, como agência do ensino, passa a adotar uma pedagogia centrada no educador e voltada para a essência do conhecimento. Considera o homem um ser concluído e acabado, esquecendo a existência, a vida. O Conhecimento seguia não uma linha psicológica, mas uma linha lógico-formal. Defendendo um conceito teórico do homem, não se preocupa com o homem concreto em suas múltiplas determinações, isto é: o homem no contexto das relações sociais. Os mestres expunham as lições, cabendo aos discípulos recebê-las e aplicá-las, obedientes à linha do raciocínio que lhes fora recomendada¹⁶.

3.2 O Surgimento da Escola Nova e suas Características

O movimento da Escola Nova surgiu como uma reação ao modelo da Escola Tradicional. Ressalte-se que muitos educadores criticaram essa nomenclatura de “nova”, pois pouco ou nada queria dizer. Além disso, o movimento escolanovista não é unísono, pois várias concepções diferentes de educação foram rotuladas sob essa mesma denominação. Portanto, podemos dizer que as teorias, práticas e concepções de educação, surgidas na segunda metade do século XIX e início do século XX, que colocavam o aluno no centro do

¹⁶ In NOGUEIRA, Raimundo Frota de Sá. Op. Cit., p. 26-27.

processo educativo e reagiam ao modelo da Escola Tradicional, podem ser consideradas integrantes do movimento da Escola Nova.

A Escola Nova não foi um movimento isolado das demais mudanças sociais e econômicas ocorridas no século XIX. Apesar de ser uma criação da burguesia, a Escola Tradicional estava ainda impregnada de valores do Antigo Regime e reproduzia um modelo de escola que tinha suas origens na Idade Média.

*As primeiras escolas haviam sido criadas em sociedades de singela composição, em que a ação da família, da igreja e da comunidade próxima era bastante à formação educadora. De fato, eram essas instituições e não a escola que produziam os tipos necessários à manutenção da estrutura social*¹⁷.

A missão da escola era simplesmente levar conhecimento ao aluno, sem importar-se em formar um indivíduo cidadão.

Contudo, esse modelo mostrou-se ineficaz para atender às necessidades de um novo mundo que se caracterizava pelo surgimento da democracia, do desenvolvimento tecnológico, do crescimento da indústria e do avanço do liberalismo como doutrina político-econômica. A Escola Tradicional não atendia às novas necessidades da sociedade capitalista e da economia de mercado. Não mais era necessário formar servos e súditos, mas o que se precisava naquele momento era formar cidadãos e trabalhadores que soubessem operar máquinas, fazer negócios e eleger os seus dirigentes. Era necessário ampliar os mercados e a escolarização era uma possibilidade de se promover a mobilidade social das classes mais baixas. Para tanto, fez-se necessário a reformulação da escola e a revisão dos fundamentos da didática. Foi nesse contexto que surgiu o movimento da Escola Nova.

Assim como a principal característica da Escola Tradicional era colocar o professor no centro do processo, a Escola Nova, por sua vez, caracteriza-se, principalmente, por colocar o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem.

Na escola renovada o aluno é o centro e há uma preocupação muito grande com a natureza psicológica da criança. A escolha dos conteúdos gira em torno dos interesses infantis e o professor deve se esforçar por despertar esse interesse e provocar a curiosidade, sem cercear a espontaneidade. Com variações de gradação

¹⁷ LOURENÇO FILHO, M. B. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**. São Paulo: Melhoramentos, 12 ed. 1978, p. 19.

dependendo da escola, é sugerido um não-diretívismo, sendo o professor o facilitador da aprendizagem. Portanto, o aluno torna-se muito mais ativo, o que exige uma nova metodologia¹⁸.

Desta forma, a Escola Nova foi chamada por muitos de Escola Ativa, pois valorizava a iniciativa e a espontaneidade do aluno, que deixava de ter um papel meramente passivo no processo de aprendizagem. Visava-se à formação do homem integral e não apenas intelectual, ou seja, além do conhecimento, a escola deveria trabalhar o indivíduo também no plano emocional e estimular a sua iniciativa e sua capacidade criadora. Para pôr em prática essas idéias, foram construídas hortas, laboratórios, bibliotecas, oficinas e imprensas para que o aluno pudesse se tornar agente ativo no processo educativo, por isso, a Escola Nova também é denominada “escola do trabalho”. Em algumas escolas particulares da Europa, foram construídas capelas para que a religião fizesse parte da formação do jovem.

No movimento escolanovista havia uma preocupação muito maior com o processo de aprendizagem do que com o conteúdo aprendido, pois era mais importante que o aluno aprendesse a pensar e a raciocinar, a partir daquilo que ele estava aprendendo, do que absorver uma imensidão de conhecimentos que, muitas vezes, eram inúteis e nada tinham a ver com a sua realidade.

A proposta escolanovista era abolir a prática do *magister dixit*, isto é, a concepção de que a educação era o professor expor a sua sapiência durante as aulas, e os alunos, como meros receptores, absorverem todo aquele conhecimento. O mestre passa, então, a assumir um papel muito maior de orientador e sugestionador do que de expositor.

Outro fato marcante do movimento escolanovista foi a utilização das novas descobertas e dos avanços da Biologia, da Psicologia, da Pedologia a serviço da educação. Até então, a educação era vista como um sistema fechado, porque a pedagogia tradicional não utilizava de recursos de outras ciências.

A Escola Nova tentava criar um ambiente escolar mais natural, portanto, mais parecido com a realidade do aluno, livre dos artifícios utilizados pela Escola Tradicional, tentando construir um ambiente menos competitivo e mais cooperativo. O escolanovismo não visava

¹⁸ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989, p. 109.

criar um homem perfeito, detentor de todo o conhecimento historicamente construído; mas o aperfeiçoamento do ser humano.

No tocante à disciplina, o movimento escolanovista propunha fazer o aluno compreender a importância da existência de normas coletivas, em vez de, simplesmente, impor as regras aos alunos, pois era preciso formar um indivíduo crítico e criar um ambiente de disciplina consciente. Tentava-se criar a noção de responsabilidade e de submissão voluntária. Ressalte-se que, por propor um certo afrouxamento das regras disciplinares, a Escola Nova foi bastante criticada pelos tradicionalistas que queriam passar a idéia de que o movimento renovador propunha uma escola da desordem e da anarquia. Contudo, não foi essa a proposta escolanovista, pois não se pode confundir afrouxamento de regras anacrônicas, que incluíam até mesmo castigos físicos, com a ausência de normas. “ A liberdade a que escola nova concede à iniciativa do aluno não é, evidentemente, a de deixá-lo fazer tudo quanto lhe aprouver, mas apenas a de não obrigá-lo a coisas contra sua inclinação”¹⁹.

Ademais, como sendo a escola do trabalho, era necessário que os alunos se libertassem da passividade e realizassem atividades que transgredissem aos paradigmas de disciplina dos tradicionalistas, portanto, atividades barulhentas, que muitas vezes eram confundidas com atos de indisciplina, eram, na realidade, trabalho. A Escola Nova propunha um novo conceito de disciplina, que era comparada à disciplina das fábricas e do trabalho, enquanto a disciplina da escola antiga era comparada a das fazendas e da caserna, ou seja, à disciplina do soldado.

Muitos pensadores da Antiguidade, da Idade Média e do Renascimento já defendiam teses que estiveram na base do movimento da Escola Nova, dentre os quais, podemos citar Sócrates, com o seu método maiêutico, Santo Agostinho que pregava que ensinar não é impor o seu conhecimento ao discípulo, mas conscientizá-lo daquilo que já sabe ou ajudá-lo a encontrar o caminho para o conhecimento, Michel Montaigne que foi o renascentista que fez a crítica mais contundente dos métodos escolares através de seus “ensaios”, Rousseau que revolucionou a visão sobre a infância, quando escreveu a obra “Emílio” ou “Da Educação”, em que propugnava que nada devia ser ensinado à criança, tudo que ela deveria saber seria adquirido através de sua própria experiência de vida. Como precursores da Escola Nova, podemos citar ainda Leon Tolstói, Pestalozzi e Froebel, pois todos estes pensadores e

¹⁹ BACKHEUSER, Everardo. **Manual de Pedagogia Moderna**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942, p. 29.

educadores desenvolveram algumas ações ou defenderam idéias que, mais tarde, serviriam de fundamento para o movimento escolanovista.

As primeiras experiências renovadoras ocorreram na Inglaterra no final do século XIX. Em geral, eram escolas particulares, que se situavam no campo e funcionavam em regime de internato, algumas aceitavam alunos de ambos os sexos, pois a co-educação sempre foi uma característica marcante da Escola Nova (acreditava-se que a co-educação prepararia casamentos sãos e felizes), funcionavam como um laboratório de Pedagogia, promoviam atividades de trabalho manual, como carpintaria, e empregavam métodos que favoreciam à colaboração em detrimento à competição, vista como o principal pecado da Escola Tradicional.

Inicialmente, as “New Schools” inglesas obtiveram sucesso e espalharam-se pelo interior da Inglaterra; posteriormente, alguns externatos, também, adotaram métodos escolanovistas. Da Inglaterra, as Escola Novas foram instauradas no continente europeu, principalmente na França e na Alemanha. Neste último país, o movimento renovador ganhou maiores proporções e alcançou o ensino público. Foram ainda registradas experiências escolanovistas na Áustria, na Bélgica, com Ovídio Decroly, na Itália, com Maria Montessori, e na Suíça, com Adolfo Ferrière e Eduardo Claparède.

Nos Estados Unidos, o movimento renovador teve grande desenvolvimento e ganhou muitos adeptos, como Helena Parkhurst, Washburne, Morrison, Dewey e Kilpatrick. O movimento da Escola Nova ganhou terreno fértil para desenvolver-se nos EUA, graças a uma descentralização do ensino, o que facilitava a aplicação de novas experiências educacionais, e a uma cultura que privilegiava o trabalho. A respeito do assunto, Lourenço Filho fez o seguinte comentário:

Certas influências da formação social no povo americano facilitavam essa conjugação teórico-prática. Acreditava-se no valor do homem comum; tinha-se como objetivo organizar um estilo de vida democrática; exaltava-se o valor da iniciativa e do trabalho na conquista do território. O preconceito pelas tarefas manuais, embora dominasse certas classes, não existia no povo em geral. Aprender fazendo - “learning by doing” - era um princípio por todos admitido²⁰.

²⁰ LOURENÇO FILHO, M.B. Op. cit., 1978, p. 171.

O pensamento de John Dewey, baseado no pragmatismo e funcionalismo, influenciou fortemente educadores brasileiros, como Lourenço Filho, Anísio Teixeira e o próprio Filgueiras Lima. A criação sistematizada da metodologia de projetos por um dos principais discípulos de Dewey, Kilpatrick, teve grande repercussão na década de 30, mas foram os centros de interesses de Decroly, que realmente repercutiram nas salas de aula de algumas escolas cearenses.

No Brasil, já no final do século XIX, havia menções a práticas renovadoras em algumas escolas. Duas experiências valem destacar: a Escola Regional do Meriti, na cidade de Caxias, nas proximidades da cidade do Rio de Janeiro, e o Instituto Cruzeiro, localizado na cidade do mesmo nome, no Estado de São Paulo. Entretanto, o movimento escolanovista só ganhou uma dimensão maior, principalmente no ensino público, com as reformas realizadas no Ceará em 1922, por Lourenço Filho; em Pernambuco, por Carneiro Leão, em 1926; em Minas Gerais, por Francisco Campos, em 1927; no então Distrito Federal, por Fernando Azevedo, em 1928 e depois de 1930, continuada por Anísio Teixeira.

3.3 Concepção de Educação na Escola Nova

Muitos são os conceitos de educação. De acordo com a concepção de mundo de cada um, pode-se estabelecer um diferente conceito acerca do que é educar. Para alguns, educar pode ser apenas a transmissão de conhecimento, para outros, pode ser a formação de hábitos, e ainda há os que simplesmente definem educação como a própria vida.

Os tradicionalistas viam a educação como uma preparação para a vida, por isso preocupavam-se em ensinar às crianças conhecimentos que somente lhes seriam úteis na vida adulta, colocando totalmente de lado a psicologia infantil. Muitos escolanovistas aderiram a essa concepção de educação, ainda que os meios para se atingir este objetivo fossem diferentes.

Contudo, formando uma oposição a esta concepção tradicionalista, surgiu uma forte corrente filosófica nos EUA que se expandiu pela Europa e que era encabeçada por John Dewey o qual afirmava ser educação a própria vida: “Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é assim: vida no sentido mais autêntico da palavra”²¹. No Brasil, Anísio Teixeira foi

²¹ DEWEY, John *apud* BACKHEUSER, Everardo. Ob. cit., 1942, p. 25.

o maior defensor dessa concepção de educação ao afirmar que “a atividade humana se justifica por si mesma e tem em si mesma o seu próprio fim” ou que “o fim real do homem, o único fim substancial é de viver”²².

Durante muito tempo, criou-se uma divergência no movimento da Escola Nova sobre qual seria a concepção correta acerca de educação. Seria ela uma preparação para a vida ou simplesmente a própria vida? Adotar a concepção extremista de que a educação é vida, simplesmente, implicaria em ensinar às crianças apenas conhecimentos que elas pudessem usar durante a infância, esquecendo-se de que é durante a vida adulta que utilizamos os conhecimentos adquiridos durante a infância e adolescência.

Desta forma, uma corrente conciliadora e mais realista, surgida no seio do movimento da Escola Nova, passou a propagar que educação era uma coisa e outra, como bem sintetiza De Hôvre ao afirmar que “a verdadeira vida humana é um processo de educação; e a verdadeira educação humana é um processo de vida”. Assim, pode-se obter uma interpretação mais realista da fórmula dada por Decroly ao estabelecer que se deve “educar na vida, pela vida e para a vida”.

3.4 Decroly e os Centros de Interesse

Ovide Decroly nasceu na Bélgica em 1871, formou-se em medicina, 1896, pela Faculdade de Medicina de Grand, aperfeiçoou seus estudos em Berlim e Paris e destacou-se nos meios pedagógicos por ter criado um sistema didático conhecido como Centro de Interesse. Como médico, iniciou os seus estudos, observando o crescimento e o desenvolvimento de crianças deficientes.

Decroly nunca escreveu uma obra que consubstanciasse o seu pensamento pedagógico; recusava-se a produzir um trabalho dessa dimensão, pois argumentava que, no momento, se o fizesse, estaria cristalizando o seu pensamento. O seu sistema deveria ser entendido como um sistema de princípios e não de fórmulas prontas e acabadas, por isso, ele temia a cristalização de sua teoria pedagógico.

²² TEIXEIRA, Anísio, 1933 *apud* Id., *Ibid.*, p. 25.

O sistema didático criado por Decroly ficou conhecido por “Centros de Interesse” e baseava-se num princípio de associação em assuntos de interesse da criança. Esse sistema foi destinado às crianças do ensino primário. Para ser aplicado corretamente, o sistema deveria partir dos seguintes pressupostos: prévia classificação dos alunos, diminuição do efetivo das classes e modificação dos programas. Para Decroly, as crianças deveriam ser separadas em classes homogêneas de acordo com o grau de maturidade e capacidade de aprender de cada uma. Os conteúdos dos programas não deveriam ser modificados – Decroly concordava com os conteúdos da Escola Tradicional – apenas a sua distribuição é que deveria ser alterada.

Segundo Decroly, a criança é nitidamente egocêntrica e pensa que o mundo está aí para servi-la e não o contrário, portanto, ela só apresenta empenho em estudar aquilo que for do seu interesse. Para incutir o interesse na criança, o professor deve criar um elo de associação entre os conteúdos, formando o Centro de Interesse e modificando, portanto, a ordem estabelecida pela Escola Tradicional.

A partir de um assunto, que a *priori* interessa a criança, como, por exemplo, a água (pois esta faz parte do seu mundo e da sua alimentação), pode-se estudar o seu ciclo e as chuvas, daí, passa-se ao estudo dos rios e das bacias hidrográficas. Estudando um rio específico, como o Paraíba do Sul, ela pode conhecer um pouco sobre a cultura do café, neste ponto, insere-se o estudo da História, falando-se da escravidão. Vê-se, pois, que diferentes conteúdos estão associados de modo que formam um centro de interesse da criança, tornando, assim, a sua assimilação mais proveitosa.

Quando se escolhe um determinado assunto para servir de centro de interesse, o seu estudo deve passar por três etapas fundamentais: observação, associação e expressão. Os exercícios de observação consistem em fazer trabalhar a inteligência da criança através dos sentidos; esta etapa representa as lições-de-coisa e equivale ao estudo da geometria, das ciências naturais e do cálculo. A associação é o ponto fundamental do sistema, como já foi explicado, e pode ocorrer das seguintes formas: a) associar elementos do mesmo tempo, mas em espaços diferentes, por exemplo, o estudo da habitação em diferentes países nos dias atuais; b) o estudo de elementos do mesmo lugar em épocas diferentes, como por exemplo, o estudo das habitações do Estado de Minas Gerais nos dias de hoje e no tempo do ciclo do ouro; c) associações do meio às necessidades do homem; d) associações de causa e efeito.

3.5 A Filosofia Educacional de John Dewey e o Sistema de Projetos

John Dewey é, provavelmente, o pedagogo norte-americano de maior prestígio do século XX. O seu pensamento educacional influenciou educadores em todo o mundo, inclusive no Brasil, dentre os quais podemos citar Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Filgueiras Lima. Ele começou seus trabalhos na escola primária experimental da Universidade de Chicago em 1896, onde sucedeu James Parker.

Para Dewey, a educação era um processo e não um produto, por isso, ele a definia como “o processo de reconstrução ou reconstituição da experiência, dando-lhe um valor mais socializado, por meio do aumento de eficiência individual”. Segundo o seu pensamento, a educação não pode ser vista como uma preparação para a vida, pois ela é a própria vida, que se desenvolve num processo contínuo; desta forma, não se pode dizer que educação inicia quando a criança entra na escola ou que termina quando ela sai, pois, enquanto há vida, há aprendizagem e, conseqüentemente, há educação.

A sua teoria é considerada instrumentalista, porque defende que todo pensamento nasce de uma situação problemática, ou seja, a educação surge para resolver problemas práticos e materiais do homem. Daí o indivíduo, ao longo de sua vida, está constantemente em processo de educação, pois está sempre enfrentando novos problemas, o que, conseqüentemente, o leva a um reajustamento diante de novas situações. Esta mudança gera um enriquecimento de experiências para o indivíduo e é exatamente este processo que Dewey chama de educação.

A base do pensamento educacional de Dewey está fundamentada na função dos interesses. A primeira vez que abordou o assunto foi no trabalho datado de 1895, intitulado “O interesse em relação com a vontade” e, posteriormente, desenvolveu este ponto de vista na monografia “O interesse e o esforço”. Estes dois trabalhos foram uma tentativa de responder àqueles para quem o ensino baseado em atividades de interesse dos alunos destruiria a sua capacidade de esforço e vontade. Sobre esse conflito de idéias, Lourenço Filho comenta:

Nesse modo de ver, explicava Dewey, há um erro de observação. Interesse e esforço não se contrapõe um ao outro. São duas faces de uma mesma realidade. O que se chama interesse é o aspecto interno da experiência, o que move o educando e assim é por ele sentido; o que se chama esforço é o aspecto externo pelo qual podemos observar a situação funcional resultante. Na realidade, não há interesse sem

*dispêndio de energia, em ação continuada para alcançar um alvo; reciprocamente, o esforço é o interesse em ação, sob forma ativa, ou dinâmica*²³.

Dewey considerava que o objetivo da educação era o próprio processo; portanto, não haveria um objetivo último ulterior ao processo. A respeito do assunto, ele dizia que “o processo de educação é um processo contínuo de ajustamento, tendo como seu objetivo, em cada fase uma maior capacidade de crescimento”. Na verdade, o que Dewey realmente rejeitava era a idéia de um fim último, supremo e estático. Os fins da educação seriam, portanto, sociais, isto é, as pessoas deveriam desenvolver-se para concretizar os objetivos da sociedade. O individualismo e a competitividade da sociedade capitalista contemporânea, principalmente a norte-americana, deveria ser combatido; ele considerava que a construção de uma sociedade baseada na cooperação era a maior necessidade humana de seu tempo. Por isso, a escola deveria promover o trabalho cooperativo dentre as suas atividades.

Ressalte-se que Dewey era contrário aos conteúdos tradicionais e a sua distribuição, tal qual era feito na Escola Tradicional, pois considerava que a divisão do conhecimento em disciplinas estanques não condizia com a realidade da criança. Esse seu posicionamento foi bastante positivo, uma vez que promoveu a abertura dos currículos para inclusão de qualquer atividade ou conhecimento que fosse útil ao aluno.

Constata-se, portanto, que as idéias de John Dewey eram bastante revolucionárias no sentido de romper com o tradicionalismo existente na educação até então. Para se colocar em prática as suas idéias, era necessário um novo método, pois o tradicional não se coadunava com as suas idéias. Como já vimos anteriormente, foi Kilpatrick o sistematizador da metodologia de projetos. Esse sistema tinha como premissa de que a aprendizagem deveria iniciar-se de um problema da vida real e, a partir dele os alunos desenvolveriam um projeto que visava solucioná-lo.

Nesse sistema didático, o papel do professor é muito mais de orientador do que de transmissor de conteúdos. Ele deve coordenar o trabalho dos alunos, mas, nem por isso, pode-se dizer que ele está ausente do processo. Contudo, são os alunos quem devem por si só desenvolverem as ações com vista à resolução do problema, seguindo, assim, o conceito de escola ativa.

²³ LOURENÇO FILHO, M.B. Op. cit., p. 199.

De início, pode-se achar que o projeto é sempre uma atividade complexa, que leva vários dias ou até mesmo semanas para ser concluído, mas ações simples podem ser executadas em forma de projeto, como, por exemplo, a elaboração de um ofício ou o estudo dos juros.

Da mesma forma que os centros de interesse, a execução dos projetos implica num ensino globalizado, isto é, tem de envolver todo o conhecimento acerca do objeto de estudo, pois não se está diante de um ponto de uma disciplina escolar, mas de um problema real, por isso, necessita-se utilizar todos os recursos e conhecimentos possíveis para a sua resolução. Por exemplo, se existe um projeto de formar uma pequena mercearia, deve-se, portanto, utilizar-se dos conhecimentos de matemática para calcular os gastos com a compra do estoque e o faturamento com as vendas, deve-se escolher quais produtos serão vendidos, o que nos leva a estudar os mercados consumidores e, portanto, um pouco de geografia econômica e humana, deve-se redigir o contrato social da empresa, o que levaria os alunos a terem de utilizar conhecimentos de redação e língua portuguesa. Na execução do projeto, conhecimentos de todas as áreas são utilizados, confirmando a tese de Dewey de que tudo que fosse útil à vida do aluno deveria ser ensinado nos currículos escolares.

A elaboração de um projeto também requer o trabalho cooperativo. Na sua execução, todos os alunos devem ser aproveitados (o professor deve garantir isso), pois, desta forma, as tarefas podem ser divididas e cada um alcança um crescimento conjunto. É o espírito de cooperação a que Dewey sempre se referia; para ele, este seria a maior aprendizagem de todo o processo, uma vez que o objetivo da educação é o próprio processo e não o seu produto, o que foi sintetizado na sua afirmação de que “a educação não tem outro fim ou objetivo, senão mais educação.”

3.6 Filgueiras Lima e o Escolanovismo

O pensamento pedagógico de Filgueiras Lima sempre fez parte do movimento renovador. As suas ações e idéias situavam-se dentro do que preconizava os grandes pensadores desse movimento. Sem dúvida alguma, Decroly e Dewey foram os pensadores escolanovista que mais o influenciaram.

As idéias de Dewey influenciaram fortemente o pedagogo Lourenço Filho, que foi o responsável pela reforma do ensino no Ceará, nos anos de 1922 e 1923, como já mencionado. Conseqüentemente, muitos jovens educadores cearenses foram influenciados pelas práticas educacionais aqui introduzidas por Lourenço Filho e pelo movimento da Escola Nova. Filgueiras Lima não foi exceção; além de admirador do pedagogo paulista, ele também era seu amigo, tanto que colocou o nome deste no colégio que fundou em 1938, com o deputado Dr. Paulo Sarasate, como já foi referido.

Boa parte do pensamento pedagógico de Filgueiras Lima está consubstanciado numa série de artigos que ele escreveu na Revista Educação Nova no período compreendido entre os anos de 1930 a 1932. Num desses artigos, Filgueiras Lima revela-se um crítico ferrenho da Escola Tradicional, que colocava o mestre no centro de todo o processo de ensino-aprendizagem. Rejeitava ferozmente os professores que apenas expunham conhecimentos acima da capacidade de compreensão dos alunos e se faziam afirmar pela palmatória:

Com a descentralização do eixo escolar, caiu por terra o edifício da velha didática que tinha o mestre como 'pivot' de todo o ensino, uma espécie de tabu, infalível e carrasco, diante do qual a criança devia prosternar-se numa reverência passiva e medrosa.

Em vir à classe com um semblante carregado, óculos ao nariz e palmatória à mão, fazer preleções, fora do meio social e acima da capacidade infantil, cifrava-se a missão do antigo "maitre-écol".

Era uma tarefa que consistia menos em educar do que em torcer, muitas vezes, os destinos humanos, opondo-se flagrantemente ao interesse e à atividade da criança.

.....
Reconheceram-se os 'direitos da criança de ser criança' e começou-se a tratá-la, não como a um adulto em ponto pequeno, um homem imperfeito, mas como a um ser à parte, quer sob o ponto de vista biológico, quer sob o ponto de vista psicológico²⁴.

Através dos trechos propostos, verificamos a influência de Dewey quando Filgueiras Lima critica a passividade do aluno e a exposição de conteúdos que não interessavam à criança. Vê-se a importância do interesse como fator de motivação para o aprendizado. Na parte final, quando comenta o reconhecimento do direito da criança de ser criança e de ser tratada apenas como um ser diferente e não como um adulto imperfeito, mais uma vez, está clara a influência do pedagogo norte-americano, uma vez que este falava que educação era a própria vida, por isso, devia-se ensinar aquilo que fosse do interesse da criança e não apenas

²⁴ LIMA, A F. Novos Rumos da Didática Pedagógica. **Revista Educação Nova**, Fortaleza, ano 2, n.6, p. 1-2, maio 1933.

conteúdos que só iriam lhe servir na vida adulta, pois isto seria negar-lhes o próprio direito de ser criança.

Durante muito tempo, existiu o mito de que a escola nova era obrigatoriamente uma escola cara, pois os seus métodos demandavam muitos equipamentos e inovações pedagógicas que não estariam ao alcance de todos. Tinha-se, ainda, a idéia de que ela era uma escola de prédio grande e luxuoso, com vários compartimentos. Talvez esse estereótipo tenha surgido por causa das primeiras experiências escolanovista na Europa, que realmente aconteceram em escolas particulares com essas características. Filgueiras Lima sempre combateu essa idéia e tentava mostrar que muitos recursos e métodos renovadores poderiam ser usados, sem necessitar-se de um grande dispêndio financeiro.

Tanto é assim, que ele se mostrou um entusiasta do movimento renovador ao defender a sua expansão para as escolas do interior do Estado. Para ele, o fato das escolas sertanejas não terem os recursos e os equipamentos necessários à execução de alguns métodos escolanovistas não era desculpa para se continuar preso aos ditames da Escola Tradicional. Segundo ele, as escolas sertanejas poderiam não dispor de instrumentos modernos, mas, por outro lado, elas detinham um acervo muito mais valioso: os rios, as serras, os açudes, os campos, as árvores entre outros; a partir desses recursos, poder-se-ia trabalhar com o “centro de interesse”, o método didático elaborado por Decroly, aqui já explicado.

Mostrou-se também um grande admirador da escola ativa. O ensino deveria ter por base o interesse da criança. Dever-se-ia ultrapassar o ensino intuitivo que se restringia às lições de coisas para se chegar ao ensino ativo, pregado por Dewey e Decroly, onde além da observação haveria a intervenção real da criança, conforme vivenciado nas escolas experimentais espalhadas em todo mundo. Apesar de alguns educadores acharem difícil a aplicação do modelo decroliano em nossas escolas, principalmente no ensino primário, Filgueiras Lima reagia dizendo que “qualquer professora inteligente, servida por uma dose acentuada de boa vontade, poderá vencê-la (a distância entre o sistema pestaloziano ao decroliano) sem grandes dificuldades e tropeços”²⁵. Para realizar esta mudança, bastaria que o professor mudasse a maneira de apresentar as lições para os alunos, ou seja, em vez de apresentar o objeto sobre o que versam as lições, o professor deveria deixar o aluno descobrir

²⁵ LIMA, A.F. Do Ensino Intuitivo à Escola Ativa. **Revista Educação Nova**, Fortaleza, ano 1, n. 1, p. 67, jan. 1932.

por si só. Neste processo de mudança, o papel do mestre mudaria de orientador do ensino para colaborador do aluno, o que implicaria numa mudança radical na posição do professor no processo de aprendizagem do aluno e na sua postura na sala de aula.

Além disso, um ensino realmente ativo não se poderia prender aos velhos métodos, que privilegiavam a memorização em detrimento da vivência do aluno. Era necessário colocar o aluno em contato com a sociedade. O âmbito do ensino não poderia limitar-se à sala de aula, pois, muitas vezes, em excursões, viagens ou passeios, poder-se-ia entrar em contato com situações da realidade que levariam a um aprendizado do aluno muito mais consistente. Em suma, como o próprio Filgueiras Lima colocou, as lições decoradas deveriam dar lugar às vividas, realizadas e sentidas²⁶.

Era necessário implementar a pedagogia da ação, fazendo da escola um aparelho de transformação social, colocando o aluno em contato com a realidade social e transformando-o num trabalhador, no sentido que ele poderia interagir com o seu meio social. Não se poderia considerar o aluno como um produto separado de seu meio; pelo contrário, ele é um ser com raízes “no solo econômico da sociedade em que vive”. Sobre a pedagogia da ação, Filgueiras Lima faz o seguinte comentário:

É a chamada pedagogia da ação, segundo a qual o educando só aprende bem, não o que lê e examina, como na escola tradicional e no ensino intuitivo, mas o que realiza ele próprio com as mãos. Esta pedagogia condena o ensino psitassico ou livresco, sem interesse e sem vida, e manda que aplique à escola o “*arbeitsprinzip*” dos alemães, isto é, o princípio dinâmico ou princípio energético.

Para um dos epônimos destes métodos ativos, o genial Decroli, socializar a escola é fazer dela um centro de trabalho, como socializar o menino é fazer dele um trabalhador.²⁷

Como já foi dito, a Escola Nova era algumas vezes chamada de escola ativa, mas, na verdade, o ensino ativo é dos muitos modelos de escolanovismo, pois este movimento não foi unísono, nem uniforme ao longo de sua história. Filgueiras Lima foi um ardoroso defensor do método de projetos, pois ele acreditava que este método poderia despertar nas crianças um senso de cooperação e de consciência coletiva. Ademais, os projetos tinham a vantagem de envolver todos os alunos, despertando-os para o trabalho em equipe.

²⁶ LIMA, A.F. Do Ensino Intuitivo à Escola Ativa. **Revista Educação Nova**, Fortaleza, ano 1, n.1, p. 68, jun. 1932.

²⁷ LIMA, A.F. Pedagogia da Ação. **Revista Educação Nova**, Fortaleza, ano 1, n. 1, p. 25, jun. 1932.

Na sua concepção, os projetos, além de um ótimo método de ensino, eram também peça chave na formação do caráter dos alunos, pois criavam neles sentimentos de amizade e companheirismo:

Forma-se, por este modo, dentro da escola uma cadeia emocional que liga todos os meninos para a conquista dos mesmo resultados, numa atmosfera de alegria e de trabalho, onde a disciplina se faz espontaneamente, sem necessidade de prêmios ou castigos.

Surgem assim o belos e generosos sentimentos de dignidade, respeito, amor perseverança e fé no coração infantil como uma floração magnífica de virtudes. O caráter vai então se forjando e se edificando neste clima moral, iluminado pela chama vivificadora das idéias alevantadas e generosas ²⁸.

Vê-se, acima, o entusiasmo do poeta-educador com o método de projetos, que, segundo ele, era um apoio à nova pedagogia que havia transferido o eixo educativo do professor para o aluno.

Ele rebatia, ainda, a críticas daqueles que reputavam difícil a aplicação deste método; reconhecia que era necessário um prévio preparo por parte do professor e a utilização de raciocínio, entretanto, não o considerava complicado. Ressaltava que havia projetos sintéticos e outros globais que envolviam várias disciplinas; como também poderiam ser realizados por matéria ou por atividades. Frisava, ainda, que um determinado projeto deveria ser deixado de lado, quando perdesse o interesse dos alunos.

Dentro da concepção de educação de Filgueiras Lima, pode-se dizer, ainda, que ele era um defensor da autonomia didática, ou seja, o professor deveria ter liberdade para escolher o método a ser utilizado em sala de aula (desde que fosse em consonância com a Escola Nova), fazer seu planejamento e organizar horários e programas.

Defendia, ainda, a idéia de educação integral. A escola não deveria limitar-se, apenas, a transmitir conhecimento, mas era também sua função a educação física, moral, econômica, estética, cívica e política. Não poderia conceber uma educação desvinculada da realidade, que se limitava apenas às preleções dos professores e colocava o aluno numa completa passividade.

²⁸ LIMA, A F. A Formação do Caráter pelo “Método de Projetos”. **Revista Educação Nova**, Fortaleza, ano 2, n.6, p. 25, maio 1933.

Pode-se dizer, portanto, que Filgueiras Lima era um escolanovista por excelência, defensor de um ensino baseado nos interesses dos alunos e nos novos ensinamentos da pedagogia, psicologia e sociologia. Seguidor das idéias de Dewey e Decroly, defendeu ardorosamente a utilização dos métodos de projetos e dos centros de interesse, colocando, assim, o seu pensamento pedagógico em sintonia com a vanguarda do pensamento educacional de seu tempo.

IV A PRÁTICA PEDAGÓGICA E O DISCURSO EDUCACIONAL DE FILGUEIRAS LIMA

Para analisar a prática educacional de Filgueiras Lima, que é o objetivo do capítulo proposto, recorri, principalmente, aos seus manuscritos e apontamentos. Ali, encontrei opiniões e reflexões sobre diferentes aspectos do processo de educação e de ensino. Também pesquisei nos seus discursos e artigos, publicados em revistas e jornais da época. Outra fonte preciosa de informação foram as entrevistas realizadas com pessoas que viveram e trabalharam com o poeta-educador.

Conforme conferido, o capítulo anterior situou o pensamento pedagógico de Filgueiras Lima dentro do movimento escolanovista, destacando os ideais por ele defendidos. Sem dúvida, pode-se dizer que tanto a sua concepção como a sua prática de educação e ensino estavam bastante à frente do que se praticava nas escolas da época. Neste sentido, pronunciou-se Susana Bonfim Borges, uma de suas ex-alunas da Escola Normal, quando foi entrevistada: “ quando eu estava na Escola Normal da 13 de Maio, ele foi meu professor de Didática. As idéias dele eram avançadíssimas, eu tenho a impressão de que, o que se faz hoje é uma continuação do que ele pensou.”

Neste momento da pesquisa, abordo questões práticas da obra pedagógica de Filgueiras Lima, assim como a sua opinião sobre diversas questões educacionais e sociais, pois como ele mesmo defendia, a escola e o ensino não podem ficar dissociados da realidade política, econômica e social. Deste modo, senti a necessidade de compreender o contexto histórico onde este educador formou seu ideário pedagógico.

4.1 O Ceará nas Décadas de 20 e 30

Para se entender o pensamento pedagógico de Filgueiras Lima, faz-se necessária uma rápida abordagem sobre o período histórico em que ele desenvolveu suas idéias. Este educador iniciou suas atividades profissionais na década de 30, ou seja, após a revolução que destituiu o Presidente Washington Luís.

O período da história política brasileira que vai da proclamação da República à Revolução de 30 é chamado de Primeira República ou República Velha. Neste período, o cenário político nacional foi dominado pela chamada política do café-com-leite, em referência aos produtores de café de São Paulo e aos pecuaristas de Minas Gerais, que se revezavam na presidência da República, exercendo o poder em benefício das oligarquias agropecuárias que representavam.

O revezamento entre paulistas e mineiros na presidência da República era sustentado pelos outros Estados da federação, através da política dos governadores que consistia num acordo entre o poder central e os governadores estaduais em que estes apoiavam o presidente em troca da autonomia dos estados. Desta forma, as oligarquias mineiras e paulistas exerciam o poder central da República, dando autonomia às oligarquias estaduais.

O Estado do Ceará não foi exceção onde as oligarquias dominaram o cenário político durante a República Velha. Os oligarcas pregavam que os trabalhadores não tinham maturidade política para participar do processo político. Nos primeiros anos da República, as classes trabalhadoras, que já vinham se organizando em sindicatos, tentaram participar do sistema político formal, criando em 15 de junho de 1890, o partido operário que visava à criação de direitos trabalhistas e melhores condições de trabalho. Contudo, as pretensões eleitorais dos operários foram logo barradas pelas forças (polícia, inclusive) das oligarquias dominantes. Também foram duramente repelidas, durante este período, qualquer movimento que manifestasse a luta de classes como as greves do motorneiros e condutores de bonde. Desta forma, o movimento político operário passa a atuar à margem do sistema político-partidário formal.

Na República Velha, o voto era aberto, e as eleições eram sistematicamente fraudadas a fim de manterem no poder as oligarquias dominantes. No plano nacional, a política

econômica do governo federal preocupava-se basicamente com cafeicultura, todos os esforços eram concentrados em atender os interesses dos produtores de café de São Paulo.

Essa situação desagradava grande parte da população, principalmente, a classe média urbana emergente, a pequena burguesia industrial, as oligarquias dissidentes e o grupo de militares, representado pelos tenentes. Tudo isso, associado a uma profunda crise econômica, que teve seu apogeu com a queda do preço do café no mercado internacional em virtude da quebra da bolsa de Nova York em 1929, resultou na Revolução de 30 que depôs o Presidente Washington Luís (último representante da oligarquia paulista) e levou ao poder o gaúcho Getúlio Vargas, candidato da Aliança Liberal que havia sido derrotado na eleição daquele ano pelo candidato do governo Júlio Prestes, que passou a ser o chefe do governo provisório.

Note-se que, apesar de contar com o apoio da maioria da população, o movimento que levou a Revolução de 30 não contou com a participação popular. A “revolução” pensada pelo movimento tenentista visava, apenas, a modernizar o estado burguês, pois não havia a intenção de destruí-lo e criar um novo tipo de sociedade.

No período que antecede a Revolução de 30, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) liderava o movimento operário no Ceará com uma proposta fundamentada nos princípios marxista-leninista. Os trabalhadores chegaram a participar de algumas eleições antes da referida Revolução através do Bloco Operário Camponês (BOC) que, através do jornal *O Trabalhador Gráfico*, iniciou uma luta por melhores salários, direitos a férias e higienização de fábricas e oficinas.

Com esta Revolução, houve uma centralização de poder no país que extinguiu o sistema federativo que havia prevalecido na República Velha por causa da política dos governadores. Desta forma, os governadores dos estados foram substituídos por interventores federais, nomeados pelo governo provisório de Getúlio Vargas. No Ceará, o primeiro interventor foi Fernandes Távora, que destituiu a antiga oligarquia dominante e colocou nos cargos públicos os seus correligionários, promovendo, assim, a velha política clientelista, o que desagradou os tenentes que haviam apoiado a Revolução.

Em conformidade com a política do governo de Getúlio, Fernandes Távora patrocinou a desmobilização dos movimentos operários e do Partido Comunista. Governando com as

oligarquias, ele também promoveu a repressão aos movimentos grevistas ou àqueles que se identificassem com a luta de classe.

A Igreja Católica, por sua vez, iniciou um movimento junto aos operários, a fim de se formarem associações que visavam à colaboração entre as classes e não à luta entre elas, como defendiam os comunistas. Esse movimento ganhou corpo com a criação da Legião Cearense do Trabalho e dos Círculos Operários Católicos. Posteriormente, foi fundada a Legião Eleitoral Católica (LEC) que atuou como verdadeiro partido político deste movimento católico-operário. No Ceará, o grupo da LEC ganhou as eleições constituintes de 1933, o que impulsionou o seu projeto.

A Liga Eleitoral Católica, os Círculos Operários Católicos e a Legião Cearense do Trabalho colaboram, assim, na montagem de um projeto político para o operariado cearense, educando-o para, juntamente com os patrões, fundarem uma sociedade em que a organização corporativista das classes impede as manifestações dos conflitos sociais²⁹.

Surgiram, então, no cenário político nacional, outros grupos políticos como o PSD, formado pelas oligarquias dissidentes e pelos tenentes, e, também, a Aliança Nacional Libertadora – ALN que englobava comunistas, socialistas, liberais e antifascistas. Também foi criada a Ação Integralista Brasileira de inspiração fascista.

Com a Constituição de 1934, os sindicatos deixaram de ser subordinados à LCT e ganharam autonomia para realizar suas negociações diretamente com os patrões, o que resultou no enfraquecimento dos grupos católicos sobre o movimento operário. Surgiu, então, a Frente Única Sindical, formada pelo operariado não pertencente à LCT, que passou a comandar o movimento sindical no Ceará, adotando uma linha de luta de classe e promoção de greves para assegurar o cumprimento dos direitos trabalhistas.

O governo provisório de Getúlio Vargas (1930-1937) foi marcado por um período tumultuado politicamente. Apesar de contar com o apoio popular da Revolução de 30, Getúlio teve de enfrentar várias manifestações de oposição ao seu governo, como a Revolução Paulista de 1932, que defendia a democratização do país e o levante comunista de 1935. O cenário político havia sido polarizado por confrontos entre a ALN e a AIB. Para manter-se no

²⁹ SOUZA, Simone de (Org). **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p. 302.

poder e com a desculpa de combater o fantasma do comunismo, o governo de Getúlio decretou Estado de Sítio, Estado de Guerra e Lei de Segurança Nacional e a suspensão dos direitos individuais o que, conseqüentemente, resultou num fortalecimento do poder executivo central em detrimento do Congresso Nacional.

Foi neste cenário que, em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas decretou a criação do Estado Novo e outorgou uma nova constituição ao país. Os partidos políticos foram extintos, o Congresso Nacional foi fechado e os sindicatos passaram a ser atrelados ao Estado. Assim, iniciou-se uma ditadura que duraria até 1945. Menezes Pimentel foi confirmado no cargo de interventor federal no Estado e consolidou a implantação dos ideais estadonovistas no Ceará.

As organizações trabalhistas que não eram centradas nos princípios do corporativismo eram tidas como “comunistas” e, portanto, foram objeto de repressão por parte da polícia de Pimentel.

Todos os setores da vida pública, fossem culturais, políticos, sindicais ou educacionais, passaram a sofrer o controle do Estado. A propaganda ganhou uma ampla dimensão no Estado Novo que para promovê-la criou o Departamento de Imprensa e Propaganda. A figura de Getúlio era mostrada ao povo como a responsável pela unidade nacional, pelo progresso da sociedade e pela manutenção da paz social, através da harmonia entre as classes.

No âmbito estadual, foi criado o Departamento de Divulgação, Censura e Propaganda que tinha como finalidade maior divulgar os atos da Interventoria. Como fundamento da política do Estado Novo, a prefeitura municipal de Fortaleza, cujos titulares eram nomeados pelos interventores federais nos estados, passou a se preocupar com a construção de uma infra-estrutura que atendesse à crescente demanda da população por moradia, escolas, luz, água, postos de saúde, vias públicas, entre outros. Afinal, era necessário criar uma imagem de prosperidade e crescimento econômico. Naquela época, muitos eram os problemas que a população da cidade de Fortaleza enfrentava. A tuberculose, por exemplo, era um dos males que assolava a população pobre da cidade, cujas moradias não tinham as menores condições de higiene. A criação de associações assistencialistas foram incentivadas a fim de amenizar e ocultar os problemas da população miserável da cidade.

Foi, portanto, criada uma doutrina que exaltava os grandes feitos do governo de Getúlio Vargas, o qual surgia como conciliador dos conflitos existentes entre capital e trabalho e condutor do progresso nacional.

Foi neste contexto histórico que Filgueiras Lima desenvolveu o seu pensamento pedagógico, isto é, num período de muitas reviravoltas, em que o país viveu momentos de mudanças, abertura e fechamento político. Entretanto, foi um período marcado pelo idealismo de muitos, como os tenentes que sonhavam construir um novo estado, formado por homens corretos, ainda que fosse um movimento elitista que não contava com a participação popular; como o de Luís Carlos Prestes, que sonhava em construir uma sociedade socialista no Brasil. E, apesar de tudo, não se pode deixar de creditar a Getúlio Vargas o mérito pela consolidação dos direitos trabalhistas no nosso país.

4.2 Concepções sobre Educação e Democracia

A educação, para Filgueiras Lima, não é apenas a transmissão de conhecimento; a instrução também faz parte do processo educativo, mas a educação vai mais além. Para ele, a educação é um processo de aperfeiçoamento do ser humano, tornar o aluno uma pessoa melhor é o objetivo verdadeiro do educador. Esse aperfeiçoamento não é apenas intelectual, mas também moral e espiritual. Nas suas próprias palavras, “a educação representa o instrumento pelo qual o homem se torna mais humano, o que quer dizer mais espiritual e mais perfeito”³⁰.

O fim último da educação seria, portanto, a construção de uma sociedade mais justa, pacífica e democrática; pois formando seres humanos melhores, conseqüentemente, teríamos uma sociedade melhor. A paz, a democracia e a felicidade sempre foram, para ele, os objetivos que a educação deveria perseguir.

A Segunda Guerra Mundial foi um fato que marcou bastante a vida de Filgueiras Lima, como ficou claro em sua poesia, principalmente na obra “Ritmo Essencial”, em que demonstra a sua angústia com o conflito armado que envolvia a maior parte do mundo entre

³⁰LIMA, AF. O Sentido de uma Homenagem. **Revista do Colégio Lourenço Filho**, Fortaleza, ano 1, n. 2, p. 1, 1956.

os anos de 1939 a 1945. Por isso, ele sempre colocou a paz como um valor primordial de uma sociedade. Era missão dos professores transmitir aos seus alunos esse valor maior.

Ele também sabia que numa sociedade democrática era bem mais fácil conseguir-se a paz que todo o mundo almejava naquele tempo. Ressalte-se que, mesmo antes de se iniciar o conflito mundial e do Brasil juntar-se aos Aliados na Segunda Guerra, Filgueiras Lima já se mostrava contrário aos regimes totalitários. No depoimento de Noemi Costa Soriano Aderaldo, uma de suas ex-alunas da Escola Normal, durante a década de 30, ela afirma que o seu mestre falava muito na Índia, na Europa e na América, mas não falava bem da Itália. Com certeza, ele agia desta forma, por que o governo italiano, naquele tempo, promovia um modelo de educação fascista. Ele sabia que governos totalitários e ditatoriais, como os de Hitler e Mussolini, jamais promoveriam uma educação baseada na liberdade e que objetivasse à construção de uma sociedade pacífica. Realmente, estava certo, pois esses governos foram responsáveis pelo maior conflito bélico da história da humanidade.

O poeta-educador tinha consciência de que a educação poderia ser uma arma poderosíssima nas mãos de maus governantes. Por isso, ele acreditava que uma escola democrática e renovada poderia formar pessoas para viverem em democracia, construindo uma sociedade mais justa e solidária.

Ninguém se apresse em tachar de utópico esse ponto de vista, pois a 'educação para a morte', na Alemanha nazista, nos oferece o melhor exemplo de quanto pode fazer a escola de todos os graus no implantar o ódio, a ambição e a agressividade no espírito e no coração das crianças, dos jovens e até dos homens. Por que a escola democrática, não na forma, mas no conteúdo, não poderá, em vez do ódio, plantar na alma das gerações que rebentam para a vida, um sentimento mais largo de fraternidade humana³¹?

Na sua concepção, o ponto capital da educação não estava na instrução, nem no acúmulo de informações, mas na formação do caráter da criança e do jovem; tinha consciência de que esta missão era mais difícil do que se propunha a antiga escola tradicional, que objetivava apenas informar (ou deformar) o aluno com uma disciplina autoritária e um ensino livresco, que privilegiava à memorização.

³¹ LIMA, A. F. In **Metodologia das Ciências Sociais**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1949, p. 25.

Seguindo as idéias escolanovistas, ele considerava que educação era a vida, como também uma preparação para a vida e, principalmente, um trabalho ao longo da vida, pois a educação não se presta a respostas imediatas e, às vezes, leva-se toda uma vida para que uma pessoa responda ao processo de educação a que foi submetida, mas, mesmo assim, o aprendizado tem valido a pena.

4.3 Ensino, Aprendizagem e Escola

A velha didática da Escola Tradicional encarava o ensino como uma arte de transmitir conhecimentos, isto é, havia uma noção empírica sobre o ensino. Com o movimento renovador, passou-se a utilizar técnicas de ensino mais modernas e com caráter científico. Filgueiras Lima considerava que o ensino era uma atividade vinculada diretamente ao professor no exercício da sua profissão, enquanto a aprendizagem era uma atividade do aluno. Cabia à nova didática ditar a direção da aprendizagem.

A sua concepção de ensino era bastante diferente da concepção dos tradicionalistas que viam o novo método como simples instrução, transmissão de informações livrescas e memorização de regras, expostas em aulas cheias de erudição que pouco ou nada interessavam aos alunos. O ensino, para ele, deveria fazer com que os alunos realmente aprendessem, e aprender não significava apenas memorizar um ponto da matéria e repeti-lo; exercícios forçados que não contavam com a adesão espontânea do aluno, não caracterizavam um processo de aprendizagem verdadeiro.

A aprendizagem realmente só aconteceria quando o conteúdo ensinado interessasse ao aluno. Neste ponto é que a participação do professor fazia-se importante, pois deveria haver uma dinamização do ensino. A motivação passou a ser um recurso tão ou mais importante do que o método, mas nem por isso o papel do professor diminuiu ou desapareceu com a nova didática. Ao mestre, caberia a função de descobrir as relações vitais entre a matéria e o aluno, motivando-o a aprender.

Para o processo educativo desenvolver-se com tranquilidade e eficácia era necessário haver disciplina na escola. Mas a disciplina que Filgueiras Lima defendia era diferente da

concepção da Escola Tradicional. A disciplina deveria estar fundamentada na liberdade e esta idéia era sempre passada para as crianças com a noção de responsabilidade.

Deve-se deixar bem claro que a idéia de liberdade pregada por Filgueiras Lima e pelo grupo da Escola Nova que ele seguia não era a de se deixar o aluno fazer tudo aquilo que queria; não era a liberdade pregada pelos não - diretivistas, mas uma liberdade com responsabilidade. A liberdade escolanovista veio para quebrar os paradigmas de disciplina da escola tradicional que se baseava numa autoridade quase militar. “A Escola Nova realmente dava essa noção de liberdade, mas era para tirar aquelas algemas do castigo, da palmatória, da tabuada, do ditado que todo mundo se tremia de medo para decorar”³².

O ensino das chamadas Ciências Sociais foi tido em alta conta por Filgueiras Lima. Em tese apresentada no 4º Congresso Nacional de Estabelecimentos Particulares de Ensino, realizado no Estado da Bahia, no ano de 1949, ele defendeu a função social do ensino das ciências sociais tanto no ensino primário, como no ensino secundário. Esse trabalho foi publicado pela editora do Instituto do Ceará sob o título de “Metodologia das Ciências Sociais”. Melhor esclarecendo, ressaltou-se que Ciências Sociais não são o mesmo de Estudos Sociais, apesar de terem o mesmo fim.

*Os educacionistas americanos estabelecem uma diferença bem acentuada entre os conhecimentos sociais sistematizados em corpos de doutrina, formados com os estudos sobre as relações e os conflitos humanos, a que dão o nome de Ciências Sociais, e as partes, aspectos e problemas retirados dessas mesmas disciplinas e apresentados em unidades de estudo, adaptadas aos fins do ensino elementar*³³.

No curso primário, as Ciências Sociais ensinadas deveriam ser a História, a Geografia, a Educação Moral e Cívica, a Economia Doméstica e a Higiene que deveriam figurar no currículo sob a denominação de Estudos Sociais. Neste grau do ensino, as Ciências Sociais têm a função de adequar a criança às necessidades do seu meio social e ajustar o meio às características da criança. Conseqüentemente, o ensino em disciplinas rigidamente separadas não é o adequado ao ensino das ciências sociais no ensino primário, pois contraria a lógica infantil; a criança não entende o mundo dividido em campos estanques do conhecimento. Por isso, se requer um programa de idéias associadas, executado através de programas baseados em projetos, atividades de grupo, de unidades de trabalho, objetivando-se chegar aos níveis

³² Depoimento de Olga Nunes da Costa.

³³ Lima, A F. Op. cit., 1949, p. 6.

mais avançados, que seriam a supressão total das divisões científicas com o predomínio da globalização, da integração e até da fusão das disciplinas escolares.

O processo de ensino, neste caso, é mais importante do que a instrução e a transmissão de conhecimentos, pois o que se quer é formar o caráter da criança e não o acúmulo de noções teóricas. Ademais, sabe-se que a criança aprende melhor fazendo e, neste processo, é que ela adquire hábitos, ideais e valores.

Também no ensino secundário, o ensino das Ciências Sociais tinha um papel fundamental na formação do jovem. Primeiramente, deve-se partir do princípio de que o ensino secundário não é apenas uma ponte do ensino primário ao ensino superior; ele tem um fim em si mesmo. É no ensino médio que se educa o adolescente, “em consonância com o sentido e o espírito da civilização, da cultura e do mundo contemporâneo”³⁴. Não mais poder-se-ia conceber o ensino secundário apenas como uma preparação para o vestibular das faculdades. A moderna escola secundária deveria estar inserida na democracia, tornando-se um espaço para a sua prática entre os adolescentes, pois democracia não se ensina, pratica-se.

É através do ensino das Ciências Sociais que se abre um espaço no currículo do ensino secundário para se estudar os problemas sociais e entender como funciona a democracia. Para tanto, não se pode ministrar essas disciplinas como as demais, seguindo o modelo tradicional, pois se assim não for, elas não alcançarão seu objetivo principal de abrir as janelas da escola secundária para a sociedade. É necessária a utilização de modernos métodos pedagógicos, como pesquisas, inquéritos, discussões, grupos de estudos, projetos, atividades socializadas, estudos dirigidos, que corretamente empregados concederão um novo caráter ao ensino das Ciências Sociais.

Neste âmbito, o ensino da História e da Geografia deveria ser reformulado, deixando de enfocar a memorização de fatos, datas, definições, de nomes de guerreiros e líderes políticos para privilegiar a interpretação do fato e do fenômeno histórico. Além do ensino dessas duas disciplinas, o currículo do ensino médio deveria contar com as disciplinas de Sociologia e de Economia.

³⁴ LIMA, A.F., Op., cit., 1949, p. 19.

4.5 A Formação de Professores e o Ensino Normal

Filgueiras Lima era um professor e, como tal, sempre encarou esta profissão com muita seriedade. A atividade de ensinar não deveria ser confiada a qualquer um; necessitava-se de professores qualificados e com formação adequada para entrar em sala de aula. A didática sempre foi por ele considerada como primordial para se alcançar um ensino de qualidade. Ensinar sem didática era uma atividade empírica, sem compromisso com os resultados. Na Escola Tradicional, os professores eram, na sala de aula, senhores, detentores do conhecimento, que se impunham pela autoridade e por uma disciplina heteronômica.

Já na Escola Nova, o professor não podia agir dessa forma, por isso, era necessária a formação de professores competentes que estivessem aptos a utilizar os modernos métodos didáticos, que despertassem na criança o interesse pelo objeto de estudo e criassem em sala de aula um clima de disciplina voluntária.

A formação das professoras primárias sempre foi de grande interesse para Filgueiras Lima. Assim, ele dedicou boa parte de sua vida profissional ao ensino normal. Como professor da Escola Normal, da cadeira de Didática e Técnica de Ensino, tentou transmitir as suas alunas métodos didáticos modernos, que estavam em consonância com o movimento renovador.

Como defensor da autonomia didática, Filgueiras Lima sempre defendeu que o professor deveria ter liberdade de escolher o melhor método. Era necessário que o próprio professor encontrasse o melhor caminho para atingir o interesse do educando, e, por sua vez, a transmissão dos conteúdos. Para ele, a falta de criatividade e de personalidade de um professor eram falhas graves.

Combateu o ensino tradicional, livresco, baseado na memorização, sem nenhuma relação com a realidade da criança. Por isso, repreendia suas alunas do curso normal quando estas utilizavam esses métodos arcaicos. Aliás, ele foi durante muito tempo o responsável pelo estágio supervisionado daquela instituição; nesta função, ele assistia às aulas das normalistas e anotava o desempenho de cada uma, apontando suas qualidades e deficiências.

A respeito das suas aulas de Didática na Escola Normal, colhemos os seguintes trechos dos depoimentos de suas ex-alunas:

O Dr. Filgueiras Lima, que era o maior de todos, era o professor de técnica de ensino, ensinava a gente a ser professor.

As aulas dele eram maravilhosas. Ele tratava a criança como ninguém ... só em renovação do ensino ele falava, só em renovação. Ele tinha horror ao castigo, à palmatória. A criança, ele dizia que a criança é “ terra virgem que o homem devia semear de joelhos”. Tudo era intocável. Era muito bonito. Ele era um poeta, só falava coisas lindas. Ele tinha uma verbalidade e uma dicção maravilhosa, o desenvolvimento do que ele fazia de uma maneira porque, a gente prestava atenção mesmo, não tinha nada em enfadonho nem de monótono.

Dr. Filgueiras era até capaz de me castigar se ele chegasse na classe e eu tivesse perguntando ao menino: 3x5, 4x6, fazendo tabuada, ele não admitia. Ele achava aquilo mesmo que eu tivesse pegando numa palmatória, dando uma palmatória no menino. Mas o Dr. Filgueiras é que o menino vai aprender? “Aprende!” Então eu fazia jogo, dividia a classe em dois partidos e um menino pagava no outro, assim a leitura, a leitura também era feita.³⁵

Com o Dr. Filgueiras Lima tinha que dar uma aula para ele dá nota que a pessoa merecesse. Ele assistindo, ele anotando o que você tinha acertado, o que você tinha errado, como você tinha se comportado. Ele disse: “ você se saiu maravilhosamente bem”. Ai ele disse: “quando você quiser alguma coisa pode contar comigo”³⁶.

Além de um professor dedicado, Filgueiras Lima mostrou-se também um administrador público comprometido com a qualidade do ensino e com a classe docente. Entre 1950 e 1951, ele assumiu a direção do Instituto de Educação, órgão que englobava a Escola Normal e sua escola de aplicação (Escola Modelo). Antes de assumir o cargo, entretanto, ele colocou uma série de condições, que eram necessárias para melhoria daquela instituição, dentre as quais podemos destacar:

- solução do caso dos concursos, antes de sua posse;
- nomeação de um vice- diretor e de uma secretária de sua escolha;
- reforma geral do prédio, renovação do mobiliário e do material didático;
- nomeação de uma diretora para a Escola Modelo, também de sua escolha;
- nomeações de professores, funcionários de secretaria, serventes, inspetoras, etc., com a prévia aprovação do diretor, dando-se preferência aos de sua indicação, dentro de um rigoroso critério pedagógico e moral;
- permissão para, no ato de posse, assegurar aos professores – em nome do governo – um aumento de vencimento, quando estivessem restabelecidas as finanças estaduais;

³⁵ Depoimento de Maria do Carmo Mota (Dona Mimosas).

³⁶ Depoimento de Maria Berenice Braide Nogueira.

- apoio integral do Secretário a todas as medidas de caráter administrativo e técnico que visassem ao aperfeiçoamento e melhoria das condições materiais e pedagógicas do Instituto;
- instalação dos cursos anexos, criados por ele em 1947, os quais completariam a obra educacional do Instituto.

O estabelecimento dessas condições demonstram que ele estava preocupado com as condições dos professores e funcionários daquela casa de educação, como também, com as condições de funcionamento em geral do Instituto que, pelo visto, não vinha recebendo o tratamento adequado por parte das autoridades estaduais.

Não foi apenas na Escola Normal que Filgueiras Lima trabalhou com essa modalidade de ensino. Logo nos primeiros anos de funcionamento do Colégio Lourenço Filho, ele criou um curso normal, que durante muito tempo foi referência no Estado do Ceará. Em dezembro de 1944, formou-se a primeira turma, e ele foi escolhido o seu patrono; nesta ocasião, o poeta fez um discurso cheio de emoção, em que destacou a missão principal daquelas jovens professoras que iriam iniciar suas atividades num mundo novo, do pós-guerra, cheio de esperanças e desafios e a elas cabia a construção de uma nova sociedade através da educação, deste discurso, é relevante se destacar o seguinte trecho:

*Depois de conquistada a vitória que se aproxima, o mundo entrará numa fase de reconstrução em que será predominante a influência do educador. Quando falo em reconstrução não penso unicamente nas ruínas de Londres, de Varsóvia, de Coventry, nem mesmo nos destroços vivo da heróica e mártir Stalingrado. Vai muito mais alto o meu pensamento. Sim, jovens professoras, eu penso na reconstrução moral e intelectual do mundo, penso no restabelecimento da harmonia e da paz entre os homens, penso na nova humanidade que ajudareis a plasmar e a construir na hora propedêutica do após guerra. E, enquanto, ela não soa, contribui com a vossa inteligência e o vosso saber para o extermínio de todos os inimigos da cultura, da justiça e da liberdade*³⁷.

Como profissional interessado pelo aprimoramento do ensino normal, Filgueiras Lima defendeu a criação de um espaço específico para ele dentro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, pois sustentava que o ensino normal não poderia continuar recebendo o tratamento de ensino médio. Ele defendia, ainda, que, além das escolas normais comuns, deveria ser criado um tipo de Escola Normal de nível universitário, os quais seriam capazes de marcar em definitivo a evolução de ensino de formação de educadores primários.

³⁷ LIMA, AF. **Revista Contemporânea**, Fortaleza, ano 6, n. 39, p. , dez. 1944.

A formação dos professores, em geral, sempre mereceu a preocupação de Filgueiras Lima. Em artigo publicado no jornal *O Povo*, em 6 de fevereiro de 1937, ele elogiou a realização de um congresso de professores através do Departamento Geral de Educação e aproveitou o ensejo para defender eventos desta natureza que aconteciam no Ceará desde à administração de Lourenço Filho que havia instituído os chamados cursos de férias para os professores da capital e do interior do Estado. Esses eventos tinham por fim colocar estes profissionais em contato com as novas idéias e processos didáticos aconselhados pelo movimento renovador. Posteriormente, ele frisa que na gestão de Moreira de Sousa, foram realizadas reuniões professorais de natureza técnica, chamadas de “Semanas Pedagógicas”, em que se convidava um expoente na área de educação para falar aos professores sobre um tema relevante, ao qual se seguiam debates referentes “à estática e à dinâmica escolar”. Portanto, ele considerava que reuniões desta natureza eram essenciais para formação de professores, pois os colocavam diante dos novos métodos didáticos e abriam um espaço para a discussão de problemas escolares atuais.

A afetividade era considerada por Filgueiras Lima um requisito essencial à professora primária e aos profissionais da educação que trabalhavam com alunos deficientes. Ao tratar da educação de cegos, por exemplo, o poeta admitia que só professores especializados e dotados de um alto grau de afetividade poderiam dedicar-se a este tipo de ensino. Defendia a utilização dos jogos de Fröebel na educação de crianças cegas.

Os jogos tinham, na sua visão, um papel fundamental na educação das crianças não só deficientes, como também as normais. “Durante as atividades recreativas a que se entregam horas a fio, as crianças revelam todas as suas tendências, desejos, angústias e aspirações. Quem não possua um fino tato psicológico, jamais conseguirá conduzir, com boa mão, os seres infinitamente sensíveis que tem sob sua guarda.³⁸” Vê-se, então, como o poeta achava importante a formação do educador primário, pois ele tinha consciência de que só um profissional preparado e especializado poderia utilizar com êxito os novos métodos didáticos.

Não foi apenas a formação das professoras primárias que foi alvo da preocupação educacional de Filgueiras Lima; também o foi a formação dos professores secundaristas. No

³⁸ LIMA, AF. A Cidade das Criança. *O Povo*, Fortaleza, 13 mar. 1937. Educação e Ensino.

seu tempo, notadamente na década de 1930, não havia no Ceará e na maior parte do país cursos de formação de professores do ensino médio. Filgueiras Lima criticava fortemente essa situação, pois das professoras primárias era exigido o diploma do curso normal, ou seja, requeria-se formação específica para se ensinar no ensino primário, embora o mesmo não acontecesse no ensino secundário. Segundo ele, muitos dos professores secundaristas haviam sido recrutados entre os fracassados em suas respectivas profissões ou na carreira política; não tinham a formação adequada, nem do ponto de vista moral, nem do intelectual, nem do didático; da mesma forma, não possuíam nenhum conhecimento de psicologia da adolescência, nem de didática. O poeta dizia, ainda, que poucos, por esforço e pelo estudo próprio, conseguiam superar as deficiências de uma formação imperfeita ou inadequada. Por esses motivos, ele propunha a criação de escolas normais para a formação do magistério secundário, a exemplo do que havia sido feito em São Paulo, na administração de Armando de Sales Oliveira.

4.6 A Prática Pedagógica de Filgueiras Lima no Colégio Lourenço Filho

Para conhecer traços da sua prática pedagógica à frente do Colégio Lourenço Filho, recorri ao depoimento de pessoas que trabalharam com ele neste estabelecimento de ensino. As entrevistadas trabalharam ou foram suas alunas no período compreendido de 1953 a 1965 (ano de sua morte). Utilizei, ainda, depoimento de uma de suas ex-alunas da Escola Normal e que, depois, ensinou no Colégio Lourenço Filho. Neste instante da pesquisa, pretendo mostrar o perfil do educador e do empresário que foi Filgueiras Lima a frente do colégio que ele dirigiu por vinte e sete anos.

O Colégio Lourenço Filho surgiu com o entusiasmo de jovens educadores que seguiam as idéias da Escola Nova e que pretendiam fazer uma revolução no ensino naquela época. Primeiramente, o Colégio Lourenço Filho aboliu qualquer símbolo de autoridade que lembrasse ou imitasse o da caserna (o que era comum nas outras escolas), como a palmatória e o castigo.

Filgueiras Lima também inovou, introduzindo novos métodos didáticos na sua escola, pois, até então, as aulas eram como um discurso de político sem fundamentação. Ele introduziu o método globalizado de alfabetização, a globalização das disciplinas e a utilização

de esquemas de aula. Antigas práticas de ensino foram abandonadas, como a tabuada e o ditado. Exercícios de pura memorização também foram abolidos; ele os considerava um crime, por que não levava a nenhum aprendizado. Não foi só nos métodos didáticos que o Colégio Lourenço Filho inovou, mas também na vestimenta dos alunos, pois foi o primeiro estabelecimento de ensino a adotar uma indumentária adequada ao nosso clima³⁹.

A Professora Maria do Carmo Mota, a Dona Mimosa, relata em seu depoimento como era a sua prática como professora no Colégio Lourenço Filho:

Devo-lhe este depoimento, por que de perto o conheci como aluna e também como professora de seu Colégio. Depois desta justa e merecida louvação, é certo, para prosseguir no assunto. De olho numa nota que me conferisse distinção e louvor – lá estava eu, na Escola dando a minha primeira aula, sujeita à apreciações de mais de cem professorandas. Lembro tranquila, solta, digo até com o embaraço de uma quase profissional, constatava um honroso convite do professor Filgueiras Lima, para ensinar no seu colégio, o então Instituto Lourenço Filho, que pertencia também ao jornalista e Deputado Paulo Sarasate. Foi assim que me tornei professora. Confesso, sem restrições, esta foi uma fase muito boa de minha vida, por que me achava totalmente vocacionada para o que eu fazia. Gostava de crianças e gostava de ensinar. Eu era portanto a pessoa certa, no lugar certo. No Instituto Lourenço Filho, onde permaneci durante cinco anos, sempre ensinei o 1º ano 'C'. As crianças já chegavam para mim alfabetizadas, e usando um método globalizado, eu desenvolvia a leitura, a escrita, e as demais matérias. Nunca improvisei aulas. Em casa, tinha o cuidado de prepará-las, visando sempre despertar o interesse do aluno. Através de jogos, e demais atividades lúdicas, ensinei muita tabuada, fiz muita leitura, muito ditado, e a classe inteira participava, interessada, feliz, alcançava grande desenvolvimento.

.....

Àquela época - década de quarenta, no Instituto Lourenço Filho, as classes até o terceiro ano primário eram mistas. Juntos estudavam meninos e meninas. Daí por diante havia a separação e as turmas eram masculinas e femininas. Este foi um sistema que por longo tempo se arrastou entre os colégios de Fortaleza, mas, com a evolução do ensino, caiu de uso. Quem não se lembra dos colégios essencialmente masculinos? – O Cearense, O São Luiz, O Colégio Militar .. e dos Femininos? ... A escola Normal, Imaculada Conceição, Dorotéias, Santa Cecília. Se não me engano, mistos eram aquela época o Liceu do Ceará e o Ginásio São João⁴⁰.

Apesar de pregar a liberdade, não se pode dizer que Filgueiras Lima deixasse os alunos fazer o que eles quisessem, conforme já mencionado. A sua autoridade era sempre baseada na liberdade. Como bem disse a Professora Olga Nunes da Costa, ele tinha uma autoridade carismática, as pessoas o obedeciam por que tinham por ele admiração e respeito. Contudo,

³⁹ Depoimento do Professor Vicente Soares

⁴⁰ MOTA, M.C.S. **Luzes do Entardecer**. Fortaleza: 2000.

isso não impedia que ele se relacionasse bem com os alunos do colégio; muito pelo contrário, ele tinha um relacionamento paternal e carinhoso com seus alunos. A professora conta, ainda, que não se lembra de tê-lo visto aumentar a voz para quem quer que fosse e que ele jamais repreendia um funcionário ou um aluno em público, pois acreditava na força do diálogo e, através dele, tentava orientar seus alunos, freando eventuais atos de indisciplina.

Uma situação relatada pela referida professora, é bastante elucidativa para entender como funcionava a autoridade de Filgueiras Lima com os seus alunos. Havia no antigo prédio do Colégio Lourenço Filho um andar superior onde moravam alguns familiares do poeta, vindos do interior; alguns eram rapazes e trabalhavam na escola. Para subir até os aposentos desses jovens só era preciso abrir uma porta, a qual dava acesso a uma escada que levava ao andar superior. Apesar de ficar aberta a porta, nenhum aluno, aluna, professor ou funcionário subia a escada, pois não queriam descumprir uma ordem dada por ele. Apenas a camareira era autorizada a subir a escada e assim era feito, apesar de não haver fiscalização. Todos tinham a noção de responsabilidade e de liberdade. Apesar de ser um homem bom e cordato, ele não admitia que as pessoas infringissem as normas da escola ou os seus princípios filosóficos de honestidade, fidelidade e lealdade.

Filgueiras Lima acreditava que ensinar era um sacerdócio e ele resumiu essa sua filosofia em uma frase: “ensino como quem reza: com a alma genuflecta”. Essa filosofia ele tentava passar aos professores da escola, como bem explicou o professor Vicente Soares em seu depoimento:

Não foi uma nem duas vezes que este depoente presenciou o educador Filgueiras dialogar com seus comandados no sentido de fazê-los enxergar o lado sublime da profissão de professor. Para ele, o magistério tinha de ser uma profissão. Para ele, o magistério tinha de ser uma profissão diferente, posto que não apenas um burocrata competente ainda que, ou transmissor de conhecimentos, frio e inanimado ou ainda uma destas máquinas miraculosas descobertas pela ciência para atuar como mero repassador de erudição. O mestre deixou uma frase antológica, hoje gravada no bronze de sua herma presente no vestibulo desta casa. “Ensino como quem reza: com a alma genuflecta”. O mestre era assim e assim gostaria que fôssemos por igual.

O Professor Vicente relata ainda que o sucesso obtido pelo Colégio Lourenço Filho no início de sua história deveu-se, principalmente, ao exemplo que Filgueiras Lima dava aos seus professores e alunos. “ O largo tirocínio do mestre fazia o empreendimento acontecer e as coisas aconteciam à sombra de seu modo de ser: afável, educado, ético, tolerante,

conselheiro, amigo, cristão.” O professor deveria ter humildade, e isso significava descer do pedestal que a Escola Tradicional o colocava e se situar no mesmo nível dos alunos, aceitando os seus questionamentos, tirando suas dúvidas e, principalmente, trabalhando a socialização do aluno, pois é através dela que o ser humano se amolda.

Apesar do Colégio Lourenço Filho sempre ter respeitado todas as religiões e sempre ter aceitado alunos de todos os credos, o cristianismo sempre fez parte da sua história. Filgueiras Lima era um homem muito religioso e transmitia aos alunos, professores e funcionários da escola os ensinamentos da filosofia cristã de amor ao próximo, humanismo e fraternidade. Era motivo de grande contentamento para ele a primeira eucaristia das crianças, alunas do Colégio, realizar-se no dia do seu aniversário, 21 de maio. Saliente-se, ainda, que a disciplina de Religião constava na grade curricular do ensino ginásial e do ensino normal da escola, pois ele acreditava que o ensino da Religião deveria fazer parte de uma formação adequada à sociedade de seu tempo.

O caráter cívico da educação sempre foi tido em alta conta por Filgueiras Lima; ele era um apaixonado por sua terra e pelo seu país, o que ficou demonstrado claramente em seus escritos e poemas. No Colégio Lourenço Filho, havia um esforço consciente para inserir a educação cívica, juntamente com a educação moral, a religiosa e social na formação da personalidade do aluno. Sempre se motivava os alunos a questionarem os problemas maiores da sociedade de então e o poeta-educador sempre os motivava a fazer uma boa ação e a cumprirem os seus deveres fosse na escola, fosse no âmbito doméstico. Objetivava-se estimular o aluno ao cumprimento das leis vigentes e a cultivar o sentimento de cooperação e mútua ajuda, que são pilares na construção de uma sociedade democrática, fraterna e pacífica⁴¹.

⁴¹ Depoimento do Professor Vicente de Paula Soares.

V CONCLUSÕES

Filgueiras Lima foi, além de um grande poeta, um educador que influenciou toda uma geração de alunos, professores e de outros educadores no Estado do Ceará na primeira metade do século XX. Ocupou posição de destaque no cenário educacional cearense tanto no ensino privado, como no ensino público, onde exerceu os cargos de professor da Escola Normal, Secretário da Educação e Saúde e Presidente do Conselho de Educação do Estado.

Fundou uma escola particular, hoje a Faculdade e Colégio Lourenço Filho, instituição que se projeta como uma das grandes responsáveis pelo ensino no Ceará. Esta ação demonstra a sua competência não só como educador, mas também como empresário empreendedor.

Fulcrado nos ideais do movimento da Escola Nova, ele pregou e realizou, juntamente com outros educadores, uma revolução na educação do Ceará, colocando o apedauta no eixo do processo de ensino-aprendizagem, abolindo práticas anacrônicas que ainda eram utilizadas na Escola Tradicional, como a palmatória, o castigo e o ditado que eram usados como instrumentos disciplinadores.

Seguidor das idéias de Dewey, Decroly e Lourenço Filho, ele defendeu a implantação de uma escola ativa, baseada na pedagogia da ação, em que os alunos aprendiam fazendo e não apenas assimilando os conteúdos. Defendia a utilização dos novos métodos didáticos, como o sistema de projetos e o centro de interesses. Sempre se mostrou preocupado com a formação dos professores em todos os graus de ensino. Considerava que a sociedade da sua época dava pouca importância ao assunto, pois muitos professores, principalmente no ensino secundário, não tinham a formação adequada.

Ele sempre criticou aqueles que achavam que ensinar era uma atividade empírica sem qualquer fundamentação. Para ser professor dever-se-ia ter uma formação própria, utilizar-se de meios didáticos e preparar as suas aulas. Vê-se que esse problema por muito tempo permaneceu insolúvel no nosso país, pois, só recentemente, a sociedade prestou a devida atenção ao problema e, certamente, essa foi uma das causas do fracasso do ensino brasileiro nos últimos anos.

Filgueiras Lima acreditava que a educação tinha por finalidade principal a formação do caráter do ser humano. E esta formação abrangia os aspectos morais, cívicos, sociais e religiosos. Ele considerava de suma importância o desenvolvimento do caráter espiritual da criança e do adolescente.

A autoridade que ele exercia em sua escola era baseada na liberdade, que não devia ser confundida com a libertinagem. Os alunos eram livres, mas deveriam ter responsabilidade sobre os seus atos. Jamais eram usados métodos de castigo físico contra os alunos.

Vale aqui se ressaltar as conclusões obtidas pela Professora Ercília Braga acerca da prática e do pensamento pedagógico de Filgueiras Lima, por ocasião de suas entrevistas realizadas com as ex-alunas do poeta na Escola Normal:

No período de atuação do Professor Filgueiras Lima, a escola e a prática pedagógica cotidiana eram voltadas para o fortalecimento da nação, rumo ao progresso moral e material tão almejado por uma unidade da federação que, vivenciando práticas políticas oligárquicas, sonhava com o ideal liberal democrático; e que vivenciando relações de semi-servidão, sonhava com a industrialização e os benefícios da ciência e tecnologia;

Para aquela geração de professores, a construção de um projeto pedagógico deste porte deveria assumir valores humanos, éticos e religiosos que se contrapunham ao projeto de formação humana num sentido unidimensional. A educação escolar deveria ir além da instrução e do treino, constituindo-se como processo de humanização que celebrava a vida colaborando para refazer a plenitude do homem à medida que, incessantemente, procurava criar condições, individuais e sociais, objetivas e subjetivas, que permitisse que todas as potencialidades e capacidades humanas se expressasse e se desenvolvesse, garantido crescentes graus de autonomia intelectual, afetiva e moral de sujeitos que construíssem suas identidades;

Para Filgueiras Lima, a transformação da escola só seria possível com a renovação dos métodos de ensino. Tanto uma quanto outra se subordinam à construção de um relacionamento entre professor e aluno que seja respeitoso e fraterno.

Inspirado em Dewey, defende que a escola seja transformada numa comunidade de vida e que a educação seja concebida como uma contínua experiência. Comunidade de vida democrática e reconstrução da experiência baseada no diálogo, na compensação e no respeito real pelas diferenças individuais, sobre cuja aceitação pode se assentar num entendimento mútuo, o acordo e os projetos solidários.

A formação moral e intelectual da juventude depende, em grande parte, do combate à sua baixa estima. As crianças e jovens precisam se sentir estimados e estimulados ao sucesso. É preciso acreditar e exaltar a capacidade dos jovens.

As idéias de Filgueiras Lima estavam muito a frente de seu tempo, principalmente no Estado do Ceará, que, naquele tempo, era uma das mais atrasadas unidades da federação. Muito das mudanças que ele pregava ainda não foram realizadas no ensino brasileiro. A maioria das escolas permanece adotando um ensino tradicional, livresco, que enfatiza apenas o acúmulo de conteúdo. Não se instalou de maneira preponderante uma escola que vise à formação do caráter.

Dentro de uma concepção escolanovista de educação, Filgueiras Lima acreditava que a educação era vida, assim como uma preparação para a vida e, principalmente, um processo ao longo da vida. É através da educação que se pode formar um homem apto a viver na democracia e destacadamente a construir uma sociedade pacífica. Este último aspecto, ele considerava como um fim último e universal da educação, pois em todos os cantos do planeta, as pessoas deveriam ser formadas para viver em harmonia e pacificamente.

Filgueiras Lima foi um exemplo de pessoa, de educador e de professor. Acreditando num ideal de educação cooperativa, ele procurava orientar a juventude, de modo a instruí-la sempre a fazer o bem e ajudar o próximo. Tentava sempre ter uma conduta que servisse de exemplo para os seus colegas e subordinados. Acreditava no poder do diálogo para solucionar conflitos e, principalmente, acreditava na juventude e que o jovem, se bem orientado, poderia modificar o mundo, transformando-o num local melhor de viver e de se conviver.

Essa foi a contribuição de Filgueiras Lima à educação do Estado do Ceará. Muito mais, ele poderia ter contribuído, se não houvesse falecido prematuramente, aos 56 anos. Mas, com certeza, os seus ensinamentos e ideais continuam presentes nas práticas e nas ações de muitos educadores contemporâneos.

BIBLIOGRAFIA

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.
- BACKHEUSER, Everardo. **Manual de Pedagogia Moderna**. 4. ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942.
- FOULQUIÉ, Paul. **As Escolas Novas**. São Paulo: Nacional, 1951.
- GIRÃO, Raimundo. **Falas Acadêmicas**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.
- _____. **Pequena História do Ceará**. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1971.
- LIMA, Antonio Filgueiras. **Metodologia das Ciências Sociais**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1949.
- _____. **Poesias**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.
- _____. **Antologia Poética**. 2. ed. Fortaleza: Equatorial, 1997.
- LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. **Introdução ao Estudo da Escola Nova: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea**. 12 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- MOTA, Maria do Carmo S. **Luzes do Entardecer**. Fortaleza, 2000.
- NOGUEIRA, Raimundo Frota de Sá. **A Prática Pedagógica de Lourenço Filho no Estado do Ceará**. Fortaleza: UFC, 2001.
- SOUZA, Simone de (Org). **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

ARTIGOS DE REVISTAS:

- LIMA, A F. Novos Rumos da Didática Pedagógica. **Revista Educação Nova**, Fortaleza, ano 2, n.6, maio 1933.

_____. Do Ensino Intuitivo à Escola Ativa. **Revista Educação Nova**, Fortaleza, ano 1, n. 1, jan. 1932.

_____. Pedagogia da Ação. **Revista Educação Nova**, Fortaleza, ano 1, n. 1, jun. 1932.

_____. A Formação do Caráter pelo “Método de Projetos”. **Revista Educação Nova**, Fortaleza, ano 2, n. 6, maio 1933.

_____. O Sentido de uma Homenagem. **Revista do Colégio Lourenço Filho**, Fortaleza, ano 1, n. 2, p. 1, 1956.

_____. **Revista Contemporânea**, Fortaleza, ano 6, n. 39, dez. 1944.

ARTIGOS DE JORNAL:

ARAÚJO, Sílvia. Nomes dos que Fizeram a História do Ceará – Filgueiras Lima. **Tribuna do Ceará**, Fortaleza, 19 out. 1997, Entre Aspas, Caderno C, p. 23.

LIMA, Antonio Filgueiras. A Cidade das Criança. **O Povo**, Fortaleza, 13 mar. 1937.

Educação e Ensino.

OLIVEIRA, Hilton. O Poeta que Ganhou o Céu. **O Unitário**, Fortaleza, 21 maio 1968, p.